

FRANCISCO GONÇALVES

Breves considerações

— SOBRE —

MEDICINA POPULAR

L'esprit humain a passé successivement par le sentiment (theologie), la raison (philosophie) l'esperience et l'observation. Ces à trois grandes sources qu'ont puisé les doctrines médicales.

BOINET.

PORTO
TIPOGRAFIA "PORTO MEDICO"
MAGALHÃES & MENDES
PRAÇA DA BATALHA, 12 - A

1917

Sala 5
Gab. —
Est. 56
Tab. 8
N.º 22

Sala 5
Gab. -
Est. 50
Tab. 8
N.º 22



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
Biblioteca Geral

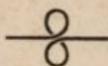


1301500726

FACULDADE DE MEDICINA DO PÔRTO

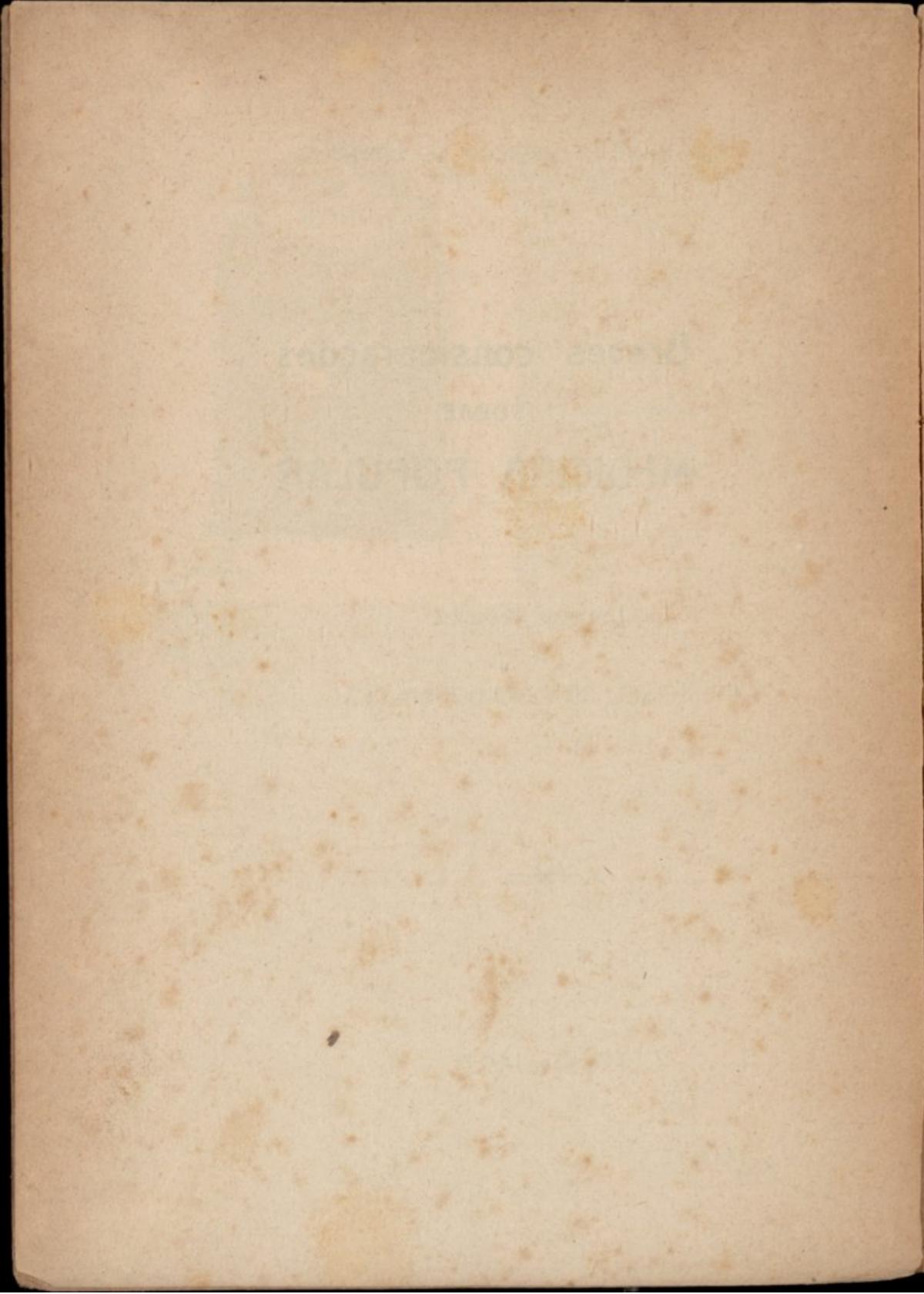
Breves considerações
— SOBRE —
MEDICINA POPULAR

DISSERTAÇÃO INAUGURAL
DE
FRANCISCO ANTONIO GONÇALVES



Pôrto — 1917

b 24526800



Faculdade de Medicina do Pôrto

DIRECTOR

Cândido Augusto Correia de Pinho

SECRETÁRIO

ÁLVARO TEIXEIRA BASTOS

CORPO DOCENTE

Professores Ordinários e Extraordinários

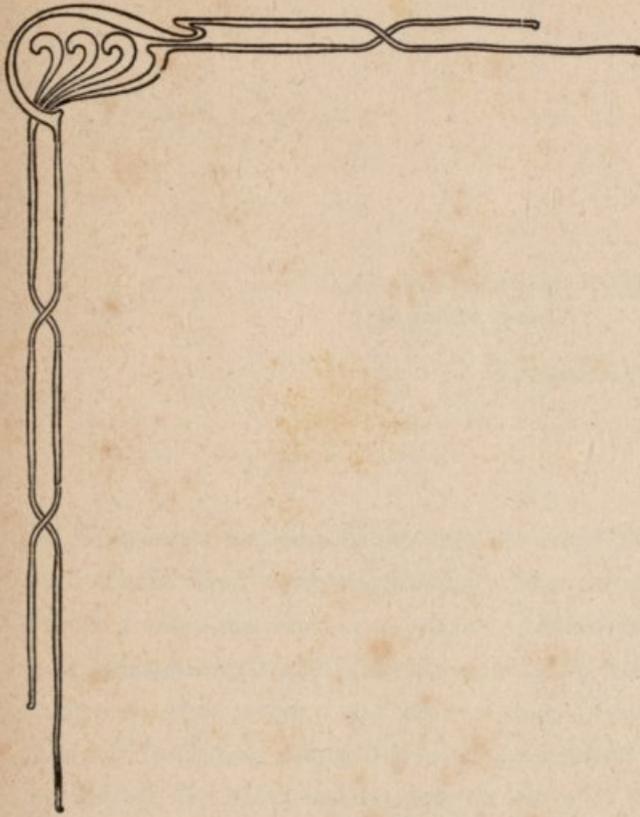
1.ª classe — Anatomia	{ Luis de Freitas Viegas Joaquim Alberto Pires de Lima
2.ª classe — Fisiologia e Histologia	{ Álvaro Teixeira Bastos Abel de Lima Salazar
3.ª classe — Farmacologia.	{ José de Oliveira Lima
4.ª classe — Medicina legal e Anatomia Patológica.	{ Augusto Henrique de Almeida Brandão Manoel Lourenço Gomes
5.ª classe — Higiene e Bacteriologia	{ João Lopes da Silva Martins Júnior Alberto Pereira Pinto de Aguiar António de Almeida Garrett
6.ª classe — Obstetricia e Ginecologia	{ Cândido Augusto Correia de Pinho Vaga
7.ª classe — Cirurgia	{ Roberto Belarmino do Rosário Frias Carlos Alberto de Lima António Joaquim de Sousa Júnior
8.ª classe — Medicina	{ José Alfredo Mendes de Magalhães Tiago Augusto de Almeida Alfredo da Rocha Pereira
Psiquiatria	{ António de Sousa Magalhães e Lemos
Pediatria	{ José Dias de Almeida Júnior.

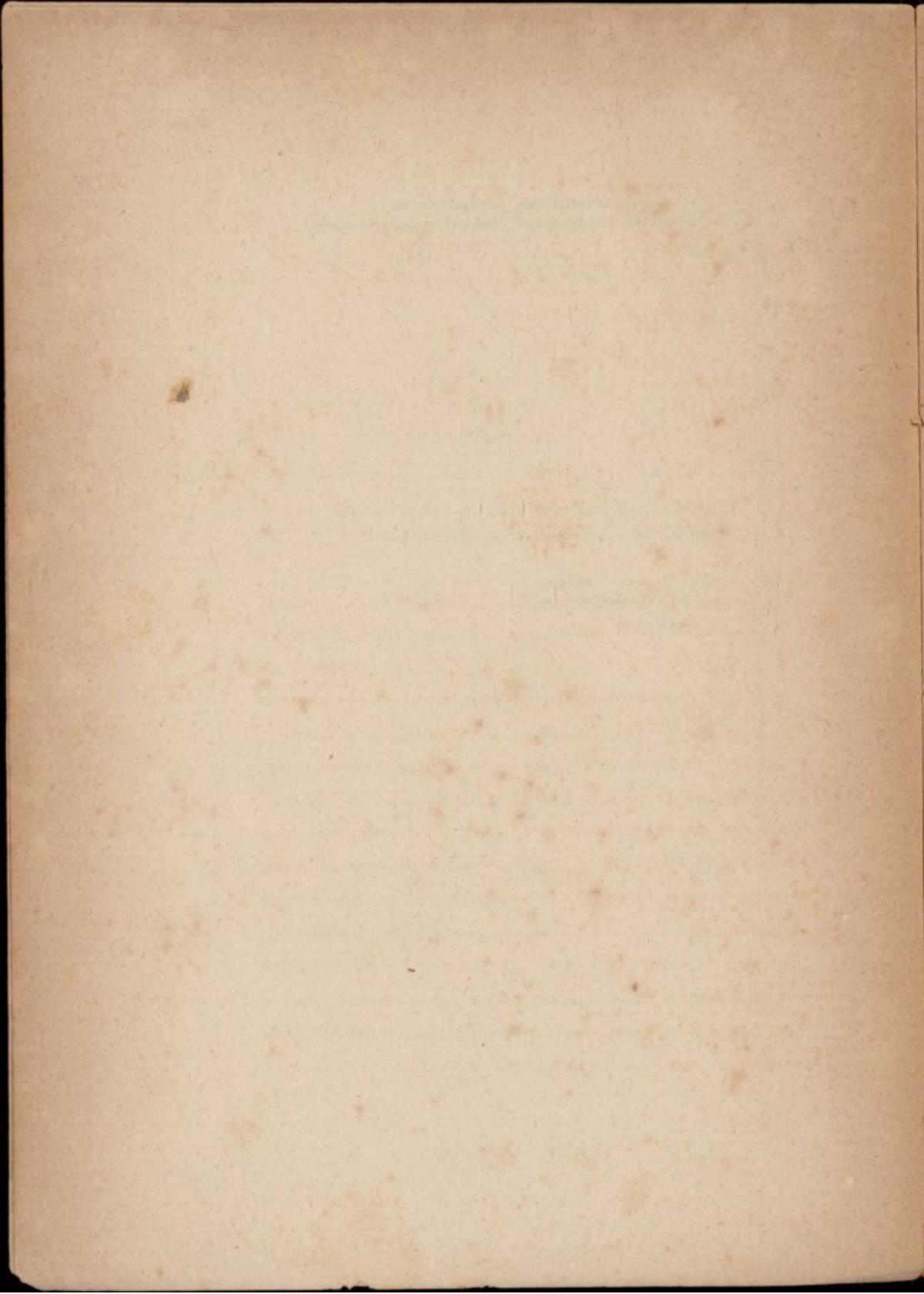
Professores jubilados

José de Andrade Gramaxo
Pedro Augusto Dias
Maximiano Augusto de Oliveira Lemos.

«A Escola não responde pelas doutrinas expendidas
na dissertação e enunciadas nas proposições».

Artigo 155.º do Regulamento da Escola
Médico-Cirúrgica do Porto, de 1840,
23 de Abril.





PRÓLOGO

*Il y a toujours une part de Vérité dans
les grandes erreurs.*

ROCHEFOUCAULD.

Filho duma sertaneja aldeia transmontana a nordeste da provincia, duma região escondida nas pregas de montes virgens, vedando aos olhos e ao espirito o conhecimento de mais longinquas regiões, enclausurado entre alguns kilómetros de terreno, como se para além dèste o mundo terminasse, fômo-nos habituando desde criança á simplicidade muito primitiva da vida aldeã, ouvindo falar do mar e da locomotiva com a mesma admiração das fadas dos contos orientais.

Desta intimidade e desta familiaridade com os costumes populares, hoje um pouco modificados no seu aspecto exterior pelos silvos da locomotiva, que há bem poucos anos ali vai, não escapou o nosso espirito á influênciã dos mesmos hábitos e das mesmas superstições e crenças. Mas á medida que a illustração e o raciocínio em nós foi tomando forma, a lucta no nosso espirito foi-se estabelecendo, e o

conhecimento e explicação scientifica dos mais simples fenómenos naturais provocou a pouco e pouco a eliminação duma parte dessas mesmas crenças, nascidas conosco.

Desde o início da nossa frequência na Faculdade de Medicina, nos foram merecendo atenção especial os variados processos popularmente empregados no tratamento dos doentes. E quantas vezes perguntámos a nós mesmo se não haveria alguma parte de verdade e de utilidade em todo este conjunto de práticas tão generalisadas ás aldeias do nosso conhecimento !

A uniformidade dos métodos e confeções de mêzinhas por toda a parte, as citações repetidas de curas inesperadas em casos desesperados á custa de determinados remedios, o uso sistemático dos mesmos em elementos da nossa família, fez nascer em nós o desejo e o projecto de tratarmos deste

assunto na dissertação inaugural do nosso curso. Assim fizemos.

Após esta decisão, a nossa primeira preocupação consistiu em procurar saber se alguns trabalhos neste sentido tinham sido realizados, e de facto encontramos algumas comunicações (1) dispersas em revistas e em separatas destas, referentes a outras regiões de Portugal.

Das nossas leituras averiguámos que, mais os literatos que os cientistas se têm dedicado a compilações de tro-

(1) *Revista Lusitana* — «Tradições populares de Portugal» Gomes Pereira. — «Costumes do Minho e Alentejo», Tomás Pires. — «Romances populares de Trás-os-Montes», Abade Tavares. — «Tradições populares», Tomás Pires.

vas populares, proverbios, superstições, lendas, etc., e desta forma se tem conquistado material para a reconstituição da história da raça, penetrando e lendo na alma popular, tendo sido possível estabelecer relações etnograficas entre os actuais habitantes e longinquos povos invasores.

Deste confronto, concluímos que ha, por vezes, divergência na forma da expressão dos seus costumes, não excluindo esta condição, talvez motivada em parte por questões de ordem topografica, a sua comum origem. Haja em vista as influências exercidas sobre os caracteres dos povos pela topografia do terreno, pelas bacias hidrograficas, onde por circunstâncias de conservação e facilidade de vida se estabeleceram, adquirindo variantes nos seus hábitos, a que a modalidade climatérica não era circunstância estranha.

Assim, os povos das nossas províncias, com relações

limitadas, criando maneiras de vida de harmonia com as suas necessidades de conservação de espécie, não conhecendo do mundo mais que alguns quilómetros em volta das suas habitações, inventando festas e jogos, ensinando-os, transmitindo-os e alterando-os no decorrer dos anos na sua forma de realização, adquiriram caracteres que de alguma maneira os distinguem.

Poderá supor-se que a ciência pouco ou nada aproveitará com trabalhos de investigação das tradições populares, dos seus adágios, das suas lendas, das suas canções, dos seus jogos, verdadeiras reliquias do passado, religiosamente conservadas; mas a ciência tem-se feito á custa do passado. Trabalhando em ruínas, tem construído; de velhos erros tem deduzido verdades; á custa duma pedra, tem-se feito a história dum povo. Pelo estudo dos fosseis,

faz leis biológicas, e no estudo do povo, dos seus caracteres físicos e morais, costumes e crenças, religiosidade e superstições, encontrará material vasto para o esclarecimento das causas de expansão e de desfalecimento, de actividade ou decadência, de tudo aquilo que é integrante e actual em si mesmo ou que é herdado dos seus antepassados.

A medicina, parece-nos, não deverá ser estranha a estas escavações.

No que diz respeito a processos de tratamento, nada encontramos escrito referente a Bragança, tendo ácerca desta região apenas conhecimento de trabalhos sobre arquiologia, história e literatura.

A nossa colheita de remedios populares foi, na sua maior parte, feita pessoalmente, sendo os restantes colecionados por párocos de determinadas freguezias.

A estes, aqui deixamos o nosso reconhecimento pela colaboração com que nos auxiliaram.

As plantas empregadas na confecção dos remedios, a que em capítulo especial adiante fazemos referência, foram classificadas pelo illustre professor desta Universidade, Sr. Gonçalo Sampaio.

Muito obrigado pelos seus ensinamentos.

Convém esclarecer que em cada mēzinha considerada não fazemos citação da aldeia respectiva, visto termos concluido pelo confronto delas e suas proveniências que em toda a região são idênticas, variando pouco e poucas de aldeia para aldeia.

Pouco interesse merecerá este singelo trabalho, organizado quasi na sua totalidade á custa de leituras em livros velhos e com materiais velhos, como o são os costumes tra-

dicionais do povo. Também não tivemos a pretensão vaidosa de trazer para aqui, com os limitados recursos científicos de que na generalidade pôde dispôr um quintanista de medicina, ideias novas e métodos novos que esta beneficiem.

Muitas incorreções encontrará o leitor no decorrer deste trabalho (se por ventura o lê!), mas aqui fica o apêlo á sua generosidade que, sem duvida, saberá desculpa-las.

Dividimos o nosso trabalho em quatro capítulos:

Considerações sobre a evolução da terapêutica;

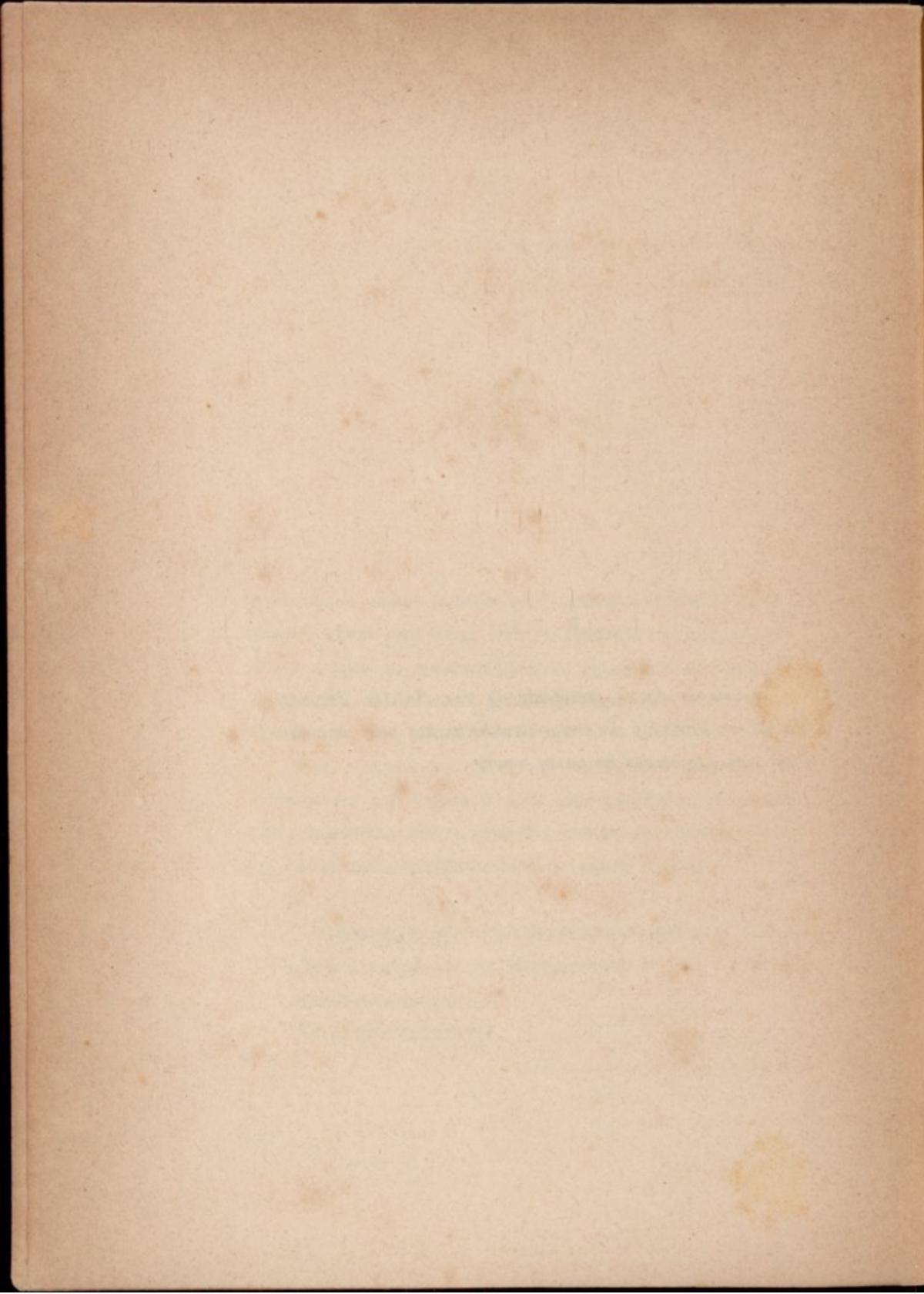
Êrros e perigos da medicina popular;

Remédios populares;

Feitiçaria e benzeduras.

*
* *
*

Ao nosso ilustre presidente de t ese, Sr. Dr. Teixeira Bastos, os protestos do nosso reconhecimento pela amabilidade com que acedeu ao nosso convite.



Considerações sôbre a evolução da terapêutica

A medicina primitiva, iniciou-se e prosperou durante largos séculos no misticismo do templo. Na origem de todas as religiões se encontram os seus rudimentares princípios, confiados exclusivamente aos padres, que por meio de orações e psalmos, dispunham do poder de combate á causa morbífica; era a luta entre o elemento criador e o elemento destructor—Deus e o diabo.

Com Hipocrates, nascido 460 anos antes de Cristo, se inaugura o período da observação em medicina; é o primeiro golpe para a emancipação da teocracia e da metafísica. A observação do facto substitue a hipótese; e desta nova orientação no campo embrionario das questões médicas, Hipocrates pôde já, primeiro que ninguém, tirar salutare conclusions, insistindo sôbre a influência do meio na eclosão das doenças e no papel etiológico nas epidemias, nas alterações humorais, teoria esclarecida e demonstrada actualmente á custa do conhecimento das toxinas e das modernas noções sôbre as auto-intoxicações.

E tão penetrante foi o seu golpe de vista em questões de tamanha complexidade, que profundos estudos, posteriormente realizados na mira de esclarecer tão obscuros problemas, longe de desmentirem as suas doutrinas, confirmam-nas nos seus traços mais gerais.

Assim, no campo da terapêutica, que sobretudo nos interessa aqui, a sangria indicada nas doenças agudas e francamente inflamatórias, teve depois, durante muitos séculos ainda, fervorosos e inteligentes adeptos, não sendo ainda hoje absolutamente excluída. E nada repugna acreditar que as suas contra-indicações actuais, baseadas em parte nas novas noções de doença, resultem de condições de meio e terreno, bem diferentes hoje das daquela época.

Os purgantes (eleboro, euforbio e escamoneia) eram quotidianamente manejados, bem como os banhos frios na bronco-pneumônia.

Os regimens de redução estavam indicados no período agudo das doenças, prescrevendo as mudanças graduais de regimen e não bruscas, como hoje se faz.

Cirurgicamente, fazia-se a redução de fraturas e luxações, a trepanação do craneo, a abertura de abscessos hepáticos, e a operação do empiema.

Não descuro a influência que as condições higiênicas da habitação do doente poderiam ter sobre a evolução da doença, insistindo sobre o papel pessoal do médico, da *entourage* e das *coisas exteriores*.

Emfim, melhor que nós, poderá fornecer indicações da grandeza de Hipocrates a opinião de Bouchard:

«A disciplina médica é filha das escolas dos tempos passados, ela é o desenvolvimento da escola Hipocrática, que tinha por base a observação e que conti-

«nha em potência todas as descobertas dos séculos ul-
teriores.»

*

* *

No século II, Galeno, médico dos imperadores romanos, estabelece as bases da medicina científica, como anatómico, como fisiologista, como clínico e como filósofo. Dissecando animais, laqueando os ureteres para determinar as funções renais, determinando a origem medular dos nervos raquidianos, etc., chegou a conclusões importantes, depois confirmadas e valorizadas, como por exemplo: «se a medula é afectada em toda a sua massa, num ponto qualquer, todas as partes inferiores são paralisadas».

As suas experiências conquistaram-lhe com razão o renome de pai da fisiologia. No tratamento das doenças tem, como Hipocrates, em muita conta, a idade do doente, a natureza da doença, a estação, a região afectada, estabelecendo as suas indicações terapêuticas, baseado naquelas circunstancias, e ainda na oportunidade (*porque a ocasião é fugitiva*).

Entre todas as suas indicações terapêuticas sobressaíam a higiene e o regimen alimentar, circunstancias que nos parece seriam suficientes na generalidade dos casos, pois que as condições de resistência orgânica de então bastariam para debelar a causa morbifica.

Grandes erros dominaram desde sempre as doutrinas médicas, o que não é estranhavel, visto serem defeituosos os conhecimentos da anatomia, fisiologia e anatomia patologica, mas nem por isso deixaram de advir lucrativos materiais de aperfeiçoamento e consolidação.

O Galenismo lança as bases da anatomia patológica, aperfeiçoa o diagnóstico e precisa as indicações terapêuticas, no que é possível precisar dentro do âmbito estreito dos conhecimentos médicos da época, em que mal esboçados ainda, começavam a tomar forma, pois só no princípio do século XIII foi auctorizada a disseção do primeiro cadaver humano.

Até ao século XV, pode dizer-se que prevaleceram a medicina hipocratica, galenica e árabe.

*

* *

Longos anos fica mais ou menos estacionário o seu progresso vivendo á custa de velhas concepções e erros, sem outros processos de investigação que os grosseiros e falíveis sentidos humanos applicados e baseados em noções falsas dos fenómenos mórbidos. Mas apesar disto, quasi todas as teorias e escolas do tempo, reconhecendo a utilidade da experimentação a praticam. Assim, Roger Bacon dizia em meados do século XIII:

«A experiência é a mestra de todas as sciências e o fim de todas as teorias».

«O mundo é a bibliotéca do médico. Todo o médico deve ter a experiência por fundamento; a sciência é a experiência.» (Paracelso, século XVI).

Van Helmont, médico e químico belga, professor da faculdade de medicina de Louvain em fins do século XVI, pensava da mesma maneira. Abandonou o ensino para viajar e observar.

Sem nos determos em considerações sôbre escolas e teorias reinantes em cada época dos velhos tempos,

passando em claro todo o período da idade média, período de indecisões, como de germinação, de dúvida e de latencia ao mesmo tempo, convêm referir desde já que as profundas descobertas de variadas ordens realizadas nos séculos XVI e XVII, contribuíram sobremaneira para esclarecer, orientar e resolver problemas até aí confusos e abstractos.

A descoberta da circulação do sangue por Harvey (1619), da circulação linfática por Asseli (1622), a utilização do microscópio no conhecimento da textura dos tecidos e órgãos, os trabalhos anatómicos de Valsalva, Santorini, Lieberkuhn, desde meados do século XVII até meados do século XVIII; a descoberta do oxigénio por Priestley, os trabalhos de Lavoisier (1733-1794), os estudos clínicos de Sydenham, prepararam e provocaram o verdadeiro renascimento no campo da medicina.

Pois bem; se a terapêutica em tempos remotos, mitológica e empírica antecedeu o conhecimento do órgão e da função, provocando profícuas investigações naquele sentido, renova-se agora á custa delas, sendo a sua consequência directa. Pode pois dizer-se que a terapêutica foi reformada em fins do século XVIII.

Aqui, como em todos os ramos do conhecimento humano, a intuição e a especulação metafísica, precederam a observação miuda do fenómeno isolado e a experimentação. Á custa destas, as sciências se foram tornando mais concretas, umas vezes condenando e destruindo verdades concebidas pela abstracção dos antigos, outras vezes confirmando-as, consolidando-as, demonstrando-as.

Ora este longo e proveitoso trabalho de concretisação, dependendo implicitamente do perfeito conhecimento

dos fenómenos orgânicos, não teria razão de existência sem que a física, a química, a fisiologia, as sciências naturais, etc., viessem fazer luz sobre tão vasto campo de acção, dando á medicina claras noções sobre as propriedades do protoplasma, como a sensibilidade e a irritabilidade. Stáhl e Hoffmann desconheciam-nas.

O espirito observador e creador de Hipocrates, concluindo mais pela observação da natureza que pelo conhecimento íntimo dos fenómenos naturais, cuja génese e dinâmica eram problemas que o futuro havia de resolver, não podia certamente conhecer as influencias perturbadoras que os princípios toxicos, a electricidade, o magnetismo, poderiam exercer sobre eles. Nestas circumstâncias, a terapêutica bem restricta e deficiente deveria ser. Mas á medida que a sciência, nas suas vastas ramificações de especulação foi fornecendo elementos de mais claro aspecto, como que, isolando-os da confusão em que mal esboçados e sem forma propria existiam, a terapêutica, aproveitando-os, abre novos aliterces na sua defeituosa e obscura organização, ou antes, desorganização.

Haller (1708-1777) é, por assim dizer, o architecto que traçou as bases da construção do novo edificio, sobre o campo dessa fisiologia rudimentar ainda, tendo como norma a irritabilidade muscular, independente do influxo nervoso, e a sensibilidade, exclusivamente nervosa. Daqui resultava que as indicações terapêuticas teriam por fim aumentar ou diminuir aquellas irritabilidade e sensibilidade.

O quinino era ministrado nas febres intermitentes, como hoje, apesar de então se desconhecer a sua etiologia, a sangria nas febres inflamatórias, abstando-se

dela nas febres epidêmicas, consideradas como adinâmicas.

O impulso dado ás sciências físicas no século XVIII, forneceu á medicina novos elementos de investigação, recursos de tal evidencia e utilidade, que impozeram á escóla mecanicista de Boerhave, que defendia e admitia serem todos os fenómenos orgânicos regidos pelas leis da mecânica, hidrostática e hidráulica, o dever de os utilizar. E tão conhecido se tornou pelos seus trabalhos que a sua correspondencia era simplesmente endereçada com estes esclarecimentos — Boerhave — Europa.

Era vasta a sua terapêutica, compondo-se de purgantes, fundentes, adesivos, mordentes, resolutivos e fluidificantes.

Não são estranhos a este movimento de rejuvenescimento e emancipação, trabalhos posteriores como os de Broussais (1800) sôbre a irritabilidade tecidular, considerando-a, embora erradamente, como causa de todas as doenças, e deduzindo desta concepção as suas applicações terapêuticas; os de Laennec, (1816) descobrindo a auscultação; os de Mayer, criando a histología (1819), os de Schewann, descobrindo a celula (1839); os de Virchow, estudando as lesões celulares (1858).

Se bem que estes obreiros herculeos da sciência não chegassem pela accumulção incessante dos seus esforços a conclusões imediatamente aproveitaveis para o combate dos variados padecimentos humanos, muito contribuíram para que a nossa gratidão e admiração lhes não seja regateada.

Trabalhando numa época de incerteza, estudando confiadamente o presente mais á custa do passado, sou-

beram associar os seus esforços, por vezes orientados em sentidos opostos, para o mesmo fim.

De resto, a terapêutica não podia tomar corpo, desenvolvendo-se como entidade distinta e consciente no mecanismo da sua ação, quando a patologia estava no começo e a distinção das doenças dependia mais da sua localização e intensidade que da sua natureza.

Da deficiência e ignorância da etiologia mórbida, resultava para a terapêutica a impossibilidade de aquisição de medicações específicas ou apropriadas. Do restrito conhecimento das propriedades vitais da célula, da patogenia mórbida, e da grosseira compreensão da irritabilidade muscular e da sensibilidade de Haller, resultavam apenas dois grupos de medicamentos: estimulantes e sedativos.

Mas se os cultivadores das ciências médicas daquela época não dispunham de recursos de investigação, que tantos anos mais tarde levaram a adquirir, para doutrinar com rigor e claresa os fenômenos animais, não deixaram de conceber e vulgarizar noções de justificado valor que ainda hoje conservamos.

Assim, o escocês Brown pensava então (fins do século XVIII) como se pensa hoje relativamente á separação de saúde e doença. Insensivelmente se passa duma á outra, como do frio ao calor, sendo a segunda apenas a diminuição da primeira. Porém, apesar da reconhecida impossibilidade daquela separação, teve a errada pretensão de reduzir todos os fenômenos vitais a fórmulas matemáticas, desprezando exceções, afirmando muito e discutindo pouco.

Defendia a existência de duas diáteses: *estênica* e *astênica*, sendo todos os fenômenos orgânicos o resul-

tado duma incitação maior ou menor, e a doença o resultado dessa incitação para mais ou para menos, ultrapassando os limites do equilíbrio dinâmico. Daqui resultava que o tratamento deveria variar respectivamente com incitantes menores no primeiro caso e maiores no segundo.

«Eu suponho, diz Brown, que a diátese esténica sobe a 20 graus da escala de incitação; deve-se subtrair os 20 graus de incitação excessiva para reconduzir o organismo à sua normalidade. Suponho pelo contrário que a diátese asténica desce a 20 graus, deve-se empregar potências capazes pela sua ação de a levantar».

Estavam, pois, segundo esta concepção indicadas as medicações sedativa e estimulante.

*

* *

Broussais tenta a reforma da antiga medicina tendo a fisiologia por base. Estudando as relações existentes entre a lesão e a manifestação mórbida, termina por reconhecer apenas à matéria viva a contractibilidade, resultante da irritabilidade tecidular. A uma excitação fraca sobrevem a debilidade; a uma excitação forte, sobrevem a inflamação, que o médico deve prevenir e combater pela medicação flogística — sangrias e sanguessugas. A sangria era-lhe tam preferida que dos exageros do seu emprego resultou a seguinte frase: «Broussais fez verter tanto sangue como Napoleão I.» Luís XIV, por exemplo, foi sangrado trinta e oito vezes.

Esta medicação flogística acompanhada de alguns

preceitos higiênicos, era tudo. A matéria médica estava pois reduzida à sua expressão mais simples.

Dois aspectos diferentes na interpretação das lesões anatomo-patológicas estão em presença. O de Broussais, considerando fundamentalmente idênticas, todas as alterações tecidulares, resultando as suas diferenças apenas de circunstâncias eventuais. Para Laënnec a ideia de especificidade lesional impunha-se. Desta concepção, a matéria médica reformava-se, tendo a lesão anatómica por base. Para Laënnec, não há estimulantes, sedativos, tónicos, adstringentes, etc.; há grupos, que ainda hoje conservamos em que o medicamento é designado pelo nome da doença com o sufixo *fuge* ou com o prefixo *anti* = febrífugos, vermífugos, anti-desintéricos, anti-sifilíticos, etc.

Para outros, como Barthez, os medicamentos são diferentemente agrupados em divisões mais artísticas que científicas. Assim, há os métodos terapêutico, analítico, empírico e perturbador.

Entre toda esta luta de destruição e restauração ao mesmo tempo, motivada pela divergência de planos e interpretações, variando com os contendores, beneficiou a ciência médica com a aquisição de novas ideias e deposição doutras velhas, como tem acontecido em todas as lutas científicas. E se o progresso social deve muito ao contendor vencedor, não pode negar o seu crédito ao vencido, apóstolo dum erro, porque da sua pertinácia e teimosia em querer faze-lo prevalecer, provocou novas observações e análises problemáticas, contribuindo para orientar e desenvolver o estudo de certas questões num sentido determinado, tendo por fim a descoberta da verdade.

Broussais concebia apenas a existência de afecções locais e nestas a inflamação; Laënnec via apenas o elemento mórbido, preocupando-o pouco a inflamação. Broussais admitia alterações especiais dos tecidos produzidos pela inflamação; Laënnec pensa que uma alteração especial produz secundariamente a inflamação.

Bretonneau, conciliando e reunindo estas duas opiniões, misturando o racionalismo de Broussais com o empirismo de Laënnec, estabelece um tanto ou quanto a harmonia entre os dois campos, resultando desta fusão uma terapêutica mais adequada á patologia da inflamação.

*

* *

No princípio do século XIX, Brown, patologista e fisiologista de génio profundamente observador, consegue harmonisar e sintetisar as ideias dispersas e antagónicas por vezes, que os seus predecessores tinham defendido. Fazendo estudos de anatomia comparada fez realçar nos seus trabalhos a importância da especificidade nosologica e terapêutica.

Para Brown, o tratamento substitutivo, os tópicos irritantes no tratamento das flegmasias de má natureza, bem como os medicamentos heroicos (ópio, tártaro estibiado, quinas e mercúrio) eram-lhe preferidos.

Na Inglaterra, como na Alemanha, a matéria médica foi-se modelando e aperfeiçoando, de harmonia com as novas aquisições da fisiologia e da patologia.

A Italia não escapa à acção reformadora daqueles países.

A eficacia da sangria origina novas considerações

assim como a aplicação dos antiflogísticos nas doenças agudas.

Os reformadores alemães retomam toda a velha matéria médica, aproveitam todas as aquisições recentes, ensaiam-nas de novo, e destes ensaios experimentais resulta para certas drogas o conhecimento de novas propriedades, de indicações e contra-indicações mais precisas. No entanto estes reformadores atribuíam à substância medicamentosa todo o valor nas modificações mórbidas de qualquer natureza, sem contar com outras causas capazes de influenciar favoravelmente a evolução da doença.

Outros reformadores defendiam a acção dos agentes físicos (calor, frio, humidade, magnetismo mineral); esta fisioterapia teve apóstolos na Inglaterra, como Currie e Gregory, que fizeram interessantes publicações sobre o frio.

*

* *

Em 1821, Hahnemann fundou a homeopatia, e tal incremento e vulgarização tiveram estas novas ideias da diluição medicamentosa, tal influência exerceram no espírito dos médicos do tempo, que chegaram a constituir-se na Alemanha sociedades especiais, tendo por fim a revisão da matéria médica. Em consequência desta revisão, os medicamentos então conhecidos, foram de novo escrupulosamente ensaiados, observados nos seus efeitos com minúcia, e apesar de ilusões sistemáticas, novas propriedades se descobriram, porquanto só propriedades grosseiras eram conhecidas. Além disto Hahnemann, proclamando que a acção dos medicamentos não

dependia das suas propriedades físicas e químicas, mas sim de forças especiais, dinâmicas, provenientes da divisão infenitesimal dos corpos, foi muito útil à matéria médica, sugerindo a possibilidade de propriedades diferentes segundo as doses fortes ou fracas, noção ainda obscura.

Daqui resultou o considerar-se em cada medicamento duas espécies de propriedades comuns e especiais. As primeiras dependentes das doses fortes e com indicações nas doenças agudas; as segundas, dependentes das doses fracas e com indicações nas doenças crónicas.

Assim, todos os purgantes em alta dose provocam contrações e secreções intestinais; em pequena dose eram considerados como sedativos, por ex., o aloes e o ruibarbo.

A magnésia, digestivo e sedativo do estômago, perde estas propriedades quando a dose é elevada, etc.

Como se vê, a homeopatia em luta com a alopatia beneficiou esta pelas investigações e estudos a que deu origem.

Recentemente tem-se invocado em seu abono a ionisação das substâncias, as afinidades dos corpos no estado nascente, a radioactividade, o emprego da tuberculina e os metais coloidais.

Com Claude-Bernard, na segunda metade do século XIX, a terapêutica toma um novo incremento, orientando-se e apoiando-se sobre o estudo do mecanismo das doenças e sobre as propriedades dos medicamentos, porque *«a acção destes deve ser considerada como uma acção fisiologica electiva e especial sobre os elementos orgânicos»*.

Mas a verdadeira renascença no tratamento das doenças é filha da obra de Pasteur em que o laboratório e o microscópio adquirem a sua maxima importancia.

O estudo das fermentações, a demonstração scientifica da acção patogénica dos microbios e suas consequências sobre o ponto de vista da antisepsia cirúrgica, o conhecimento das vacinas, o tratamento da raiva, a acção das toxinas, a atenuação do virus pelo envelhecimento das culturas, a imunidade, são outros tantos coefficients de primeira grandeza a influir nos destinos da terapêutica moderna.

Com Landouzy terminámos:

«Há duas grandes épocas decisivas na medicina: a época sintomática, diagnóstica ou hipocrática; a época patogénica ou pasteuriana».

«Esta ultima criou a patogenia das doenças infecciosas e renovou a terapêutica. Com as vacinações preventivas, com a seroterapia, com a antisepsia e a assepsia, a higiene pública e privada, a profilaxia geral e particular melhoraram notavelmente» (1).

(1) Boinet, prof. de clinica médica — Paris.

Êrros e perigos da medicina popular

"La médecine est en retard sur les autres sciences parce qu'elle est plus complexe."

CLAUDE-BERNARD.

Trousseau numa das suas conferências sobre o «empirismo» põe em relevo, perante uma numerosa assembleia de médicos, as dificuldades que diariamente surgem quando se pretende fazer uma aplicação consciente e convenientemente útil de qualquer medicação. De harmonia com esta maneira de vêr, sciente das incertezas em actuar quando se inicia a vida clínica ao sair das faculdades, provenientes umas vezes da deficiência de diagnóstico, da dúvida ácerca de qualquer propriedade farmacodinamica outras, perguntamos a nós mesmo porque será que, em tão árduo como escabroso assunto, toda a gente se julga competente para indicar uma medicação, seja qual fôr a manifestação mórbida que o doente acusa?

Nós sabemos bem que de dificuldades e asperezas surgem em tão vasto campo de acção, para que creamos justificavel e a proposito a intervenção de leigos na aplicação de medicamentos, «armas terriveis de dois gumes», como alguém sabiamente disse.

É a química, a física das drogas, a fisiologia, a anatomia patológica, a integridade ou perturbação deste ou daquele órgão, a susceptibilidade inerente á constituição do indivíduo ou creada pelo estado mórbido; a emotividade deste, o psiquismo daquele, estados fisiológicos periódicos como menstruação, prenhez, etc., tudo isto são coeficientes de grande valor que o médico tem em conta, analisando-os, pesando-os, interpretando-os com a minúcia conveniente e indispensável ao bom exito que deseja obter.

E para tudo isto, para a resolução de cada problema clínico, quantos conhecimentos, preparação e estudo se lhe exigem! Estudando doentes num longo tirocínio hospitalar, observando efeitos terapêuticos, quantas vezes é vencido pelo reconhecimento dum erro, scientificamente justificado, quer nas manifestações actuais ou tardias duma intoxicação, da lesão dum órgão, quer numa perturbação de equilibrio funcional, atribuido a um descuido terapêutico?

Não é apenas o conhecimento do terreno, do agente a combater, a qualidade e quantidade do medicamento, a forma farmaceutica de harmonia com o máximo de efeito e menor irritação, que o médico, apreciando e seleccionando em cada caso, tem de levar em conta. Não é só a propriedade ou propriedades da substância, a correccção de qualquer delas, a exaltação doutras, associações, incompatibilidades, etc.; é tambem a oportunidade, condição que reputamos da maxima importancia.

Pois bem; se para toda esta apreciação se exige ao médico tão longo estudo, e se dum descuido dêste ou incidente imprevisto, nada tendo com as suas prescrições, ou contrariando e comprometendo a eficácia

delas, o povo inconscientemente exigente não hesita em manifestar a sua desconfiança pelo médico — mal se compreende que esse mesmo povo ao mesmo tempo desculpe e recomende um curandeiro, que pretende reduzir uma luxação com uma pomada, ou uma sábia mulher que faz cruces e benzeduras para curar uma úlcera sifilítica.

Porque será pois, que, tornando-se indispensável tanto estudo, observação e prudencia para medicar, decidindo por vezes uma questão de vida ou morte, ha tanta gente que explicando as doenças a seu modo, se reveste de competencia para intervir? E porque será tambem que a maior parte das pessoas, tratando com delicadeza e certo escrúpulo as suas questões pessoais, financeiras ou outras, não importa, procurando opiniões e conselhos de profissionais adequados a elas, advogados, técnicos, etc., não hesitam em entregar a sua saude e a sua vida á incompetencia do primeiro curioso que se lhes depara?

Vem a proposito transcrever uma anedota citada pelo Dr. E. Decaisne: (1)

«Um estadista dizia em 1848: Lançai uma corda através do *boulevard* mais freqüentado de Paris e fazei parar indistintamente todos os passeantes durante uma hora, um dia, se quizerdes; pedi-lhe que vos façam um par de botas, um chapéu, e todos se rirão á excepção dos sapateiros e chapeleiros, que se apressarão a tomar-vos a medida.

Pedi-lhes pelo contrário que vos indiquem as bases

(1) *Le Union Médicale* — 26 de novembro de 1874.

duma constituição política ou um remedio contra uma doença qualquer, e todos vos responderão logo com segurança, á excepção dos legisladores e dos médicos, que vos pedirão talvez tempo para reflectir».

Esta anedota não carece de comentarios porquanto revela sobejamente as tendencias naturais e irreflectidas do espirito humano no que diz respeito a apreciar, discutir e resolver problemas de tamanha complexidade como os problemas médicos.

De facto, assim é. Para cada padecimento embora melindroso, não escaceiam nunca um sem numero de indicações inoportunas e inconscientes fornecidas pelo amigo, parente ou visinho. Desta multiplicidade de remedios, os mais disparatados e contraditórios por vezes, resulta implicitamente um perigo immediato ou mediato para quem deles usa.

Imediato, quando a gravidade das manifestações mórbidas reclama sem perda de tempo a intervenção consciente do médico e que não tem lugar em virtude de, na generalidade dos casos, se recorrer á sciência só quando falharam manifestamente as numerosas mézinhos experimentadas. Nos casos duma doença aguda, pneumonia, febres eruptivas, etc. em que a expectação poderia bastar para produzir a cura, principalmente evolucionando num terreno não affectado por doenças anteriores, a doença é contrariada na sua marcha pelas intervenções intempestivas e inadequadas de que se lança mão quando das primeiras manifestações.

Noutros casos a expectação é perigosa como nos casos de tétano, crup, etc., em que a demora dum dia e mesmo de horas pode acarretar a perda da vida do doente. Nestas circunstâncias, em geral, na provín-

cia, a morte antecipa-se á chegada do médico, sempre tardiamente consultado.

O perigo é mediato, quando a doença não sendo de prognóstico reservado, como sífilis, reumatismo, enterite, evoluciona por sua propria conta, tornando-se crónica, e ainda agravada nas suas conseqüências, tanto por ausência absoluta de tratamento, como por excesso de variadas mézinhas, diferindo dia a dia na essência da sua constituição como no processo de aplicação.

Pessoalmente temos observado repetidas vezes a incúria criminosa com que são tratados os doentes em algumas aldeias de Trás-os-Montes, entregues ás mãos de barbeiros e outros curiosos, mulheres de virtude, comadres, e relegando para casos muito especiais (que adiante referiremos) a intervenção médica.

Quando alguém adoece, não tarda que se estabeleça uma immediata peregrinação a casa do doente, constituida na sua maior parte por mulheres que em volta do leito alvitram numerosos remedios recomendados pela sua efficácia em casos tais, multiplas vezes applicados com exito. Experimentando uns e outros em curtos intervalos, succedendo-se em vinte e quatro horas um numero grande deles, ou acontece que os padecimentos do doente se atenuam, o que, por vezes, espontaneamente teria lugar como em casos de cólica, e então todos os benefícios medicamentosos são attribuidos ao último remedio, ou a doença continúa fazendo os seus progressos sem entrave na sua marcha ascendente, e outra mixordia vem substituir as primeiras, cujo exito se verifica dentro em pouco, não ser mais encorajador.

Mas, apesar da deficiencia dos resultados obtidos,

sem desânimo e com esperança, interpretando-se a doença como a manifestação duma intervenção diabólica «a feitiçaria», recorre-se a uma mulher que faz rezas (porque as ha em todas as aldeias), tendo por fim combater a causa da doença. Relíquias e bentinhos são usados com o mesmo fim. Porém, a doença não cede, embora uma vez ou outra se note um bem-estar enganador, e uma pessoa, ás escondidas do doente é encarregada de ir consultar uma bruxa, perto ou longe, levando-lhe uma peça de roupa do doente, geralmente uma camisa, camisola ou ceroulas, se se trata dum homem.

Quando nada disto deu o resultado desejado, reclama-se então a intervenção do médico e oxalá que não seja tarde de mais, porque nestas circunstancias, quando a terapêutica scientifica é impotente e o médico é obrigado a prognosticar desfavoravelmente, o conceito da medicina fica duvidoso, dizendo-se freqüentemente que «quando as mézinhas cazeiras, relíquias e bentinhos, rezas e intervenções de santos, são impotentes, o médico nada tem a fazer». O doente morre porque «Deus assim o quer», porque «Deus assim o determinou». Estas expressões são freqüentísimas não só, tratando-se de doenças mas ainda de negocios, agricultura, desastres em animais domesticos, etc.

Sob o ponto de vista higiênico e dietético, os mais rudimentares princípios são desprezados, resumindo-se as suas indicações em pouca limpeza e superalimentação.

O doente é em geral instalado numa habitação acanhada, mal reparada, (como o são a maior parte das casas em Trás-os-Montes) com muito ar e pouca

luz, sem limpeza, incluindo o proprio leito (1), escarrando no chão ou na parede. O quarto é invadido por numerosas pessoas, mulheres e crianças sobretudo, que tosseem e escarram tambem.

A familia preocupada trata incansadamente da alimentação do doente, fazendo-lhe ingerir carnes e caldos com pequenos intervalos, porque não comendo muito não haverá forças para vencer a doença. Não ha regimens de redução. As famílias que dispõem de recursos utilizam as carnes de porco (presunto) e galinha, associando-lhe caldos gordos e abundantes sobrecarregados com sopas de trigo. Os pobres, usam em geral dos mesmos princípios alimentares, fornecidos pelos visitantes, sendo costume as pessoas estranhas levarem galinhas aos doentes na ocasião das visitas. Mas quando o doente entra no período de convalescença, que abandona o leito, e que por conseguinte necessitaria duma alimentação mais reconstituente, auxiliando a recuperação de forças perdidas, as dádivas faltam e contrariamente ao período agudo da sua doença, faz um regimen um tanto ou quanto de redução.

Se a doença reclama uma dieta absoluta durante 24 horas, seguida de dieta hidrica ou láctea, o médico difficilmente o conseguirá. Um caso de úlcera de Cruveillier conhecemos nós, com hemorragias abundantes e freqüentes, em que o médico chamado a intervir teve de lutar contra a teimosia da esposa do doente, não querendo suprimir a galinha e as tijelas de sopas. A

(1) No povo ha a persuasão de que se não deve mudar a roupa da cama emquanto a doença prevalecer.

abstenção foi tão pouco duradoura que dentro do curto período de dia e meio, o médico era de novo chamado com urgência para combater nova hemorragia.

Outro preconceito tenazmente arraigado no espírito do povo diz respeito aos cuidados de profilaxia. O contágio não sendo admitido, pessoas de todas as idades se abeiram horas seguidas do leito do doente, quer este seja portador de febre-tifoide, variola, escarlatina, ou outra doença iminentemente contagiosa, difundindo por vezes o vírus morbífico a distância e criando as epidemias. Se o médico, aconselha cuidados, acentuando perigos, lança as suas palavras em terreno árido, tendo como resposta que ninguem contagiou o primeiro.

E se a repetição do caso mórbido vem a efectivar-se em uma ou mais pessoas, ainda se admite a eclosão espontânea da doença, pois de contrario, se as doenças se adquirissem por contágio, todas as pessoas que estabelecessem relações de contacto com o primeiro doente, deviam ser igualmente contagiadas.

.....

Ha no povo a persuasão de que toda a doença, com exclusão daquelas que requerem intervenção cirúrgica imediata, é, sob o ponto de vista etiológico, proveniente de duas causas: resfriamentos ou bruxaria. Quer se manifeste por dôres locais ou generalizadas, sintoma da sua maxima preocupação, admitindo a gravidade dela em proporção com a sua intensidade, quer se revele por qualquer outra variedade de sintomas, lembra imediatamente relaciona-la com um resfriamento mais ou menos recente. Ora esta causa ocasional como nós a consideramos, perde grande parte do valor que lhe atribuímos, quando o doente por circunstâncias espe-

ciais da sua vida de camponês, diáriamente sujeito a todas as intempéries, se foi lentamente adaptando desde tenra idade a todas as mudanças bruscas de calor e frio, de humidade e secura sem perturbações aparentes no seu dinamismo orgânico, comprometendo a sua robustez e o seu desenvolvimento.

Desta sorte, o nosso camponês cresce e desenvolve-se entre a terra e a urze, respirando o ar puro da montanha, mal agazalhado, com os vestuários humedecidos dias inteiros ou crestado pelos raios caloríficos dum sol abrazador, sem limpeza, sem regularidade nas refeições, deficientemente alimentado por vezes, abusando do vinho e da aguardente, consumindo inergias na sua física muscular de harmonia com o seu mister agrícola. Pois apesar de toda esta irregularidade de vida o seu estado hígido conserva-se com uma estabilidade satisfactoria, longos dias, até que uma doença venha compromete-lo. Eis o resfriamento, e só o resfriamento a actuar, sem que outra causa seja imputada como provocadora da doença. O que é certo, é que apesar de resfriamentos freqüentes e humidades consecutivas, intervindo sobremaneira na eclosão de determinadas doenças como reumatismo, condicionalismo este a que os patologistas attribuem grande valor e clinicamente assinalados noutros meios sobejamente, não tem aqui a freqüência que era de esperar, sendo bem restritos os casos de reumatismo.

Quando a etiología da doença não pode ser relacionada nem explicada por aquella causa, ou ainda quando a evolução desta é arrastada, astenisando progressivamente o doente, e não cedendo com a brevidade desejada á applicação dos múltiplos remedios caseiros,

anódinos umas vezes, sem oportunidade outras, inadequados quasi sempre, então a segunda causa « feitiçaria » justifica o estado mórbido.

É esta uma das tradições mais arreigadas no espírito do povo do distrito de Bragança (o que melhor conhecemos), admitindo-se como dogma a existência de pessoas, mulheres ou homens (1), com o privilegio de poder provocar doenças, contrariar negocios, promover desordens familiares e intervir em questões amorosas.

Em tais casos recorre-se então a fumigações, relíquias, benzeduras e outros estranhos processos de cunho misterioso a que em capítulo especial adiante fazemos referência.

Se a doença é de fôro cirúrgico (com exclusão de feridas accidentais, luxações, fracturas), como furúnculos, abcessos quentes ou frios, e ainda dermatoses, com exclusão da sarna, tudo isto não é mais que a manifestação tardia duma doença antiga, uma constipação que recolheu a dentro (2), envenenando o sangue, que desta maneira ilimita o convencional veneno, tornando-se consequentemente mais puro.

Desta concepção resulta que dermatoses variadas, furúnculos, abcessos, não devem ser tratados, visto que o organismo se liberta desta sorte de todas as suas impurezas.

(1) Está assente que em cada freguezia deve haver sete feitiçarias e um zangão. Quando qualquer delas morre, lega a sua profissão e poderes a outra pessoa, uma criança em geral, que inconscientemente lhe entrega uma peneira ou lhe aperta a mão, sem o que não pode morrer.

(2) Quer dizer: uma bronquite ligeira, deficientemente tratada.

Ora, se da abstenção de cuidados terapêuticos ou da aplicação de remédios domésticos de acção duvidosa e insuficiente em casos clínicos que não decidem com brevidade da vida do indivíduo, embora contribuam para complicações ulteriores, por vezes mal referidas á sua causa verdadeira e afastada, se faz regra, não escasseiam ocasiões em que a menor demora duma intervenção científica, pode ocasionar tais compromissos e alterações orgânicas em que a morte é a terminação habitual.

Citemos alguns exemplos.

Da observação quotidiana de partos espontâneos, fáceis, não exigindo intervenções auxiliares de qualquer natureza, nem tão pouco os mais ligeiros cuidados higiénicos, resulta a convicção de que tais cuidados são absolutamente dispensaveis, devendo todo o trabalho de parto fazer-se só, sem intervenções estranhas. Realmente há um pouco de bóm senso nesta maneira de pensar, certamente baseada na observação do que se passa na maior parte deles, bem como nos animais domésticos.

Com efeito, as dificuldades crescem, pode dizer-se, proporcionalmente ao grau de civilização dos povos, e o povo da província é bastante primitivo ainda. E as causas de distócia, como raquitismo, esteomacia, tuberculose, tão freqüentes nas cidades, rareiam lá, sem contudo se excluírem. Além disso, apesar dos processos de antiseptia e de simples limpeza estarem longe de serem tidos em conta, a virulência microbiana é tão atenuada que, por excepção, se observa uma infecção puerperal.

Quando a parturiente sente as primeiras dores, e

ainda nos casos em que é obrigada a recolher ao leito, faz-se assistir por uma vizinha, cujo papel consiste em encoraja-la e laquear o cordão. Mesmo em circunstâncias em que seja levada a introduzir as mãos na vulva ou vagina, nem sempre estas são antecipadamente lavadas. Se é a parteira (1) que substitue a primeira, as mesmas práticas são aplicadas, acrescidas da ministração de infusões de cravagem de centeio sem dose nem medida.

Quando por qualquer circunstância imprevista quer provenha da mãe, feto ou assistência, o trabalho de parto decorre lentamente e a expulsão se não opéra com a brevidade desejada, há ainda o recurso (criminoso recurso!) de reclamar o auxílio de homem ou mulher de fôrça que segurando pelas axilas a parturiente a socode violentamente repetidas vezes (2), intervaladas, porque assim o requiere a fadiga do sacudidor. Daí, como é de prever, resultam como consequência ptoses viscerais, tendo nós observado algumas.

Bem ou mal, com rapidez ou lentamente o parto realiza-se, e dentro de poucos dias a parturiente retoma de novo os seus serviços domésticos ou campestres. Mas se uma vez ou outra uma apresentação viciosa tem lugar, ou uma modalidade de distócia pode comprometer a vida, não se dá grande importância a esta eventualidade. O médico é tardiamente chamado quando já foram esgotados todos os meios domésticos, che-

(1) Mulher mais habilidosa, mas não diplomada.

(2) Estas sacudidelas têm por fim tornar mais rápida a descida.

gando no momento em que a sua intervenção é já inefficaz, e a morte é a regra.

É nesta demora que está o perigo.

Outro erro funesto e muito frequente consiste em procurar o barbeiro todas as vezes que uma luxação se produziu. Em tais condições este é mesmo preferido ao médico, afirmando-se que os médicos não sabem nada de desmanchos (1). Quando a lesão não vae além de contusão para articular ou entorse, o que muitas vezes acontece, a intervenção curiosa e inconsciente do barbeiro, cubrindo a região lesada com um adesivo feito de breu e outras substancias depois duma massagem brutal, auxiliada ainda pela imobilidade forçada que a dôr ocasiona e conserva, é seguida de exito; mas tratando-se duma luxação, como a sua redução só casualmente poderia ser feita, e neste caso, nem sempre conservada, comprehende-se qual será o destino ulterior da função do membro lesado.

Se num esforço brusco uma hérnia se estrangula, como a dôr antecede a evidencia de outros sintomas, tomar-se-ha por uma cólica e o tempo precioso que decorre vai-se entretendo com infusões de ervas supostas adequadas para a debelar. Se o médico é chamado, não o é senão tarde de mais para poder intervir com algumas probabilidades. A intoxicação geral domina a scena e a morte é próxima.

Mas onde a medicina popular constitue um verdadeiro perigo é principalmente em doenças de crianças,

(1) A palavra desmancho, refere-se a luxações, contusões articulares e entorses.

sendo revoltante a falta de cuidados nestes pequenos sêres, sacrificados pela incúria e desleixo das proprias mães. A criança chora? É fome; dá-se-lhe de mamar. Não mama? É sono; arrulha-se. A criança não dorme? São os dentes. Não ha que lhe fazer. A criança chora, não dorme, não mama, tem diarreia? São vermes intestinais. Tosse, vomita? São os vermes ou os dentes. Seja o que fôr, as inquietações são pequenas. Quando muito mandam-se benzer os vermes intestinais, e tudo passa. É indiscutível o exito obtido por estas benzeduras. Todas as mães citam as suas crianças como exemplo, tendo colhido evidentes benefícios.

Seja a criança portadora duma diarreia verde, duma bronco-pneumonia, duma angina diftérica, doenças cuja gravidade se acentuam com a demora duma medicação eficaz e a tempo conveniente, os cuidados e preocupações familiares nem porisso se intensificam. Que lhe fazer? Levar a criança ao médico? Mas se ela não fala, não póde explicar-lhe os seus sofrimentos, como aquelle poderá saber a causa dos seus males? Leva-la antes a uma mulher de virtude porque talvez seja um mau olhado (1).

Estes casos estão longe de ser raros, aumentando ainda o perigo a que a criança está sujeita pela propria doença, levando-a á distancia de algumas leguas (visto não haver em todas as aldeias mulheres de virtude), mal agasalhada, ao sol, ao vento e á chuva, que

(1) Significa que uma feiticeira a viu e lhe ocasionou a doença, que só desaparecerá por vontade desta ou benzedura que se oponha ao seu poder.

indubitavelmente agravam ainda o seu estado já precário.

Uma vez em presença da bruxa, esta, além de pôr em execução as práticas inerentes á sua arte, fornece aos consultantes indicações obscuras e duvidosas sempre, ácerca da pessoa responsavel pela doença da criança, levando ao seu espirito a suspeita da interferência de alguém. E admitida como verdade a culpabilidade de determinada pessoa, esta é invectivada, insultada, ameaçada até de ofensas corporais se, durante certo prazo, não contribuir para a recuperação da saúde do pequeno doente.

Depreende-se quão funestos e criminosos não são preconceitos desta natureza!

Resulta pois da abstenção de conselhos médicos em doenças infantís, uma cóta de mortalidade relativamente grande e em desproporção com os climas salutarres dos campos, e ainda com a alimentação infantil, sem *biberon* e sem amas.

Poderíamos enormemente aumentar a lista das doenças de perigos mais imediatos, mas estes poucos exemplos são caução bastante para se depreender deles a quão funestas e melindrosas consequências o povo está sujeito.

Procuremos agora analisar as causas ocasionais ou interferentes, que dão azo aos perigos a que vimos fazendo referência.

Concebe-se que o preconceito exerça só por si influência justificativa destes êrros.

O espirito humano talvez mais conservador que criador, dominado e dirigido por velhas concepções, sem que estas tenham sido sancionadas pela razão,

emancipando-se com uma lentidão de séculos, não aceita sem reservas ou reflexões conduzidas de harmonia com a sua capacidade intelectual e influência educativa de cada um, as verdades scientificas actuais, sobretudo quando estas intervêm em assuntos médicos ou religiosos.

Tinha razão quem disse: «É mais facil plantar um paradoxo que destruir um preconceito». «O preconceito é mais que a ignorância porque é estacionário. O homem de preconceitos nega o progresso, nega a instrução, nega a experiencia, nega a razão.» (1)

Ha preconceitos inofensivos e preconceitos perigosos. No campo da medicina, estes últimos prevalecem.

Infelizmente êles não medram apenas no espírito rude do campônio; estendem-se a todas as classes sociais, tomam raizes e medram como o escalracho. A ignorância, ou melhor o analfabetismo popular não pôde ser invocado como argumento cabal que justifique em absoluto a conservação do preconceito, porquanto, muitissimas pessoas de ilustração mediana, e outras de cultura mais que mediana, superior mesmo, têm recorrido acs mesmos processos, usando-os em beneficio proprio (maleficio seria melhor dito) ou aconselhando-os.

A ilustração não tem pois impedido absolutamente que pessoas com cursos universitários tenham recorrido a especialidades farmacêuticas problemáticas anunciadas nas colunas da quarta pagina dos jornais diários, adaptando-as aos seus padecimentos, cuja patogênia por eles ignorada e erradamente compreendida, se coaduna

(1) Poskin.

sempre com as indicações do anúncio. E quando assim não procedem, não hesitam em se apressar a reclamar a cómica intervenção de chinêsas (Lisbôa tem a prova disso) para extrair bichos dos olhos.

A ilustração, repetimos, não representa de maneira alguma uma espada afiada para derrubar preconceitos, desalojando-os e expulsando-os dum cérebro que se não nasceu com eles, se instalaram ali primeiro que ela, á custa duma educação arcaica. E entre todos, os mais persistentes e arreigados são os de fôro religioso e médico. E entre estas duas categorias, quasi se pode afirmar que se evita mais depressa a missa que a mézinha e o curandeiro.

Da colheita que fizemos de preconceitos relativos á medicina em Trás-os-Montes e do confronto que fizemos com grupos similares, peculiares a outras regiões do Minho e Vila Real compiladas pelos snrs. drs. A. C. Pires de Lima, Claudio Basto e Tomás Pires, concluímos que áparte pequenas alterações na forma da expressão, prevalecem numa parte e noutras com os mesmos fins.

«Tal fenómeno é desta maneira porque foi sempre desta maneira; tal facto é assim porque assim foi sempre; tal medicação deve ser aplicada desta forma e confeccionada daquela, porque já os nossos pais e os nossos avós assim no-la ensinaram e usaram, e nós não nos temos dado mal com isso».

Estas expressões são correntemente empregadas. E quando se pretende mostrar-lhes os inconvenientes delas, que são absurdas e perigosas, que urge evita-las, invocando a experiencia, a razão e a persuasão, demonstrando o êrro, evidenciando os perigos consequen-

tes á sua conservação e uso, poderão ceder momentaneamente ao raciocínio conduzido no sentido de implantar a verdade onde está o êrro, mas, dentro em pouco, as noções expostas desaparecem e os antigos hábitos, preconceitos e crenças prevalecem e ficam.

.....
Outra causa não menos importante reside nos usos e abusos da mézinha, inactiva umas vezes, tóxica outras. Algumas delas, das mais vulgarizadas em regiões diferentes e distantes, têm a sua origem em épocas muito afastadas, sendo professadas e prescritas pelos médicos da antiguidade, como Plinio, Celso e outros. O snr. Gonçalo Rodrigues no seu «Compêndio de muitos e varios remédios» (edição de 1671) recomenda algumas centenas de remédios (de exito certo?) para variadíssimas doenças que ainda hoje são usados em larga escala. Matiolo, celebre médico da antiguidade, forneceu outros, ainda conservados hoje.

A água de erva moura era aplicada para as dôres de ouvidos, bem como o suco de acelgas. A casca da raiz de moreira cozida em vinho para as dôres de dentes, a cinza de ortiga sêca contra as epistaxis, etc. Poderíamos centuplicar os exemplos.

Hoje são empiricamente applicadas, como o eram então. O povo conserva-as mais ou menos alteradas e deturpadas, utilizando-as mais por confiança que por sanção científica. Cremos que, por vezes á custa delas alguns beneficios se tenham conseguido e não as supomos totalmente desprovidas de cabimento, admitindo a existência de certa actividade dependente dos princípios vegetais ou doutros reinos nelas contidos. Mas, como sempre se tem em vista combater o sintoma, ignorando

a etiologia e patogenia do processo mórbido, e ainda, como não se tem a noção de oportunidade nem de dóse, da intensidade na sua acção farmacodinâmica ou insuficiência, reprovamos o seu emprego, temporariamente emquanto a sciência não intervier, justificando a sua razão de ser, como o tem feito nos últimos tempos ácerca de substâncias similares e que ultimamente, pelos benefícios confirmados dia a dia, conquistaram um logar de destaque nas páginás dos livros de materia médica.

Emquanto assim não fôr, uma grande parte destas práticas populares constituirá um perigo permanente para a saúde da humanidade.

Não é estranhavel contudo que o povo preste toda a sua confiança a medicações que médicos de outrora lhe legaram. Mas ao lado deste grupo, já profundamente alterado por circunstâncias varias, ha outro constituido por medicações de invenção popular, embora mais restricto, tendo como característico a variabilidade com a flora de cada região, hábitos, doenças locais, etc. E como estas doenças vão sofrendo modificações de aspecto clínico com o tempo, ou desaparecendo, como o paludismo em certas regiões de Portugal, resulta que as mézinhas com indicações especificas persistem, adequando-se a outras doenças, alteradas ou não.

Umas e outras, isto é as de origem médica e as de origem popular exclusiva, podem conjuntamente ser divididas em dois grupos: o primeiro constituido por medicações anódinas, com fraca ou nula actividade farmacodinâmica; o segundo constituido por medicações activas.

As primeiras, comquanto não sejam mais potentes no combate das desordenadas reacções orgânicas do que

a simples água destilada, podem ocasionar a morte ou comprometer profundamente a dinâmica dos diferentes aparelhos da economia, evitando a benéfica intervenção a tempo das que scientificamente conduzidas seriam eficazes. Porém o povo não se habitua facilmente a dispensa-las, experimenta umas após outras, enquanto a doença evoluciona por sua própria conta, sem entraves, á medida que o organismo vai esgotando as suas debilitadas fôrças.

E quando se lhe pretende demonstrar que a doença não tem probabilidades de ser dominada por tais processos, respondem na sua melhor boa fé: «se tais mézinhos não fazem bem, tambem não fazem mal».

Se o médico chega tardiamente, quando a cura é impossivel, dizem ainda: «ora, as nossas mézinhos não fizeram bem, mas os remedios que o médico receitou tambem não fizeram melhor. Morreu porque Deus assim o quiz. Nem as promessas lhe valeram, tinha de ser. Nosso Senhor é quem manda!» «Quando os santos não querem, os médicos não podem».

Estas e outras expressões similares são de emprego geral e quotidiano.

As medicações do segundo grupo, isto é, aquelas que possuem propriedades activas, como as infuzões de beladona, de cravagem de centeio, de digitalis, de folhas de coca e de papoula, manejadas por mãos inhábéis e inconscientes são mais perigosas ainda, quer pelas suas propriedades, quer pelas suas indicações despropositadas, sem prévio conhecimento da doença, da sua forma clínica, da sua evolução, das suas complicações, e nós sabemos quanta ponderação merece ao clínico o estudo de conjunto e de diferenciação de sintômas, a

integridade ou perturbação deste ou daquele órgão, para que se decida a utilizar determinadas substâncias.

Digamos de passagem que uma vez ou outra a medicina popular tem dado o testemunho, se não de curas pelo menos de melhoras em doenças resistindo a preparações farmaceuticas. Nós mesmo observamos na enfermaria 3 do Hospital G. de Santo Antonio um doente portador de úlceras da perna cicatrizadas á custa de banhos de farelos de trigo e vinagre, tendo resistido a prolongadas e variadas prescrições médicas.

O snr. dr. Teixeira Ribas, assistente da Faculdade de Medicina do Pôrto, relatou-nos um caso de dermatose, resistindo ás suas medicações, curado pela applicação duma pomada fornecida pela sua lavadeira.

Os exemplos desta ordem não são raridade, e quási todos os clínicos os têm observado. Mas é sobretudo em padecimentos gerais em que o sistema nervoso principalmente domina a scena, isto é, nas nevroses, que tais efeitos se têm verificado com maior frequência.

É que, na mézinha, quer na sua confecção quer na sua applicação, ha muitas vezes um cunho de mistério e de religiosidade que o povo tem em alta consideração e em muita confiança. Daqui resultam em doentes duma mentalidade especial, duma susceptibilidade caprichosa e prevertida, nos neurasténicos e nos histéricos principalmente, beneficios apreciaveis, ás vezes surpreendentes.

¿ Onde procurar a justificação de tais efeitos?

Nós não pensamos attribui-los aos principios activos da droga manipulada e applicada empiricamente, fóra de toda a noção de quantidade e tempo, e até ás vezes, contra-indicada.

Pensamos antes que a reza, o mistério que a en-

volve, tenha uma acção mais intensa sobre a emotividade e imaginação do doente, responsável quantas vezes, pela maior parte dos sofrimentos acusados.

Modernamente a psicoterapia tem tomado um lugar de distinção ao lado dos processos de terapêutica médica de maior renome, e por meio dela efeitos deslumbrantes alguns médicos tem obtido na atenuação de sintomas incombateveis pela farmácia. De maneira que não repugna admitir que doentes duma imaginação concentrada permanentemente nos seus proprios padecimentos, de sugestionabilidade fácil, duvidando tanto da garrafada prescrita pelo médico como confiando em místicos remedios, cuja infalibilidade lhes é confirmada por numerosas curas, verdadeiros milagres em doentes similares, desesperançados já da recuperação da sua antiga e florescente saúde, tenham beneficiado por tais meios.

Em regra, estes remedios não são do conhecimento geral. Determinadas pessoas teem o exclusivo e não vulgarizam o segredo da sua confecção. Transmitem-no a um dos seus descendentes como valorosa herança e, desta maneira, póde dizer-se que são remedios de família. Este segredo e sua velha história tomam uma parte activa na cura.

Por toda a parte se encontram destes milagrosos remedios, sem que se ponham em dúvida os seus benéficos efeitos.

O snr. dr. A. C. Pires de Lima na sua memoria sobre «Tradições Populares de Santo Tirso» (1) refere-se a umas históricas e célebres pedras pertencentes a uma

(1) Separata da *Revista Lusitana*, vol. XIX.

família de Lousado, e provenientes do norte do Brazil, tendo propriedades certas (segundo a crença popular) de curar as mordeduras de serpentes e de cães hidrofobos. Refere-se ainda a outras de Alcobaça, tendo as mesmas applicações.

Nós podemos acrescentar a existencia de outras no concelho de Moncorvo, tendo os mesmos fins.

O snr. dr. A. C. Pires de Lima averiguou dois casos, tratados pelas citadas pedras, tendo na verdade os doentes sido mordidos por cães hidrofobos em que a morte foi a terminação fatal. (1) E acrescenta: ...«muitas vezes os cães são falsamente considerados com a doença; outras, applica-se muito a tempo o ferro em braza e a lancêta; sujeitam-se ao tratamento os que comem carne de animais supostos com raiva. Daí a fama dos milagres do remedio, que de resto é deslustrada por alguns casos que descobri».

Desta e doutras crenças em remedios especificos a patologias determinadas, como doenças de olhos, espinhela caída (2), resultam inumeros perigos actuais ou tardios, que é fácil calcular.

Vejamos agora outro aspecto da questão, pelo que se refere à interferencia do empirico curandeiro, cuja auctoridade reconhecida em assuntos medicos é justificada pela preferênciã que se lhe dá na decisão dum grande número de doenças, e cuja opinião é tida em conta, mesmo em desacordo com a do proprio médico.

O snr. dr. Alfredo Veiga referiu-me que consultado

(1) Citado na mesma separata.

(2) Grande fraqueza geral.

uma vez por uma mulher, esta lhe manifestou desejos de tomar banhos de mar, convicta de que o seu estado seria satisfatoriamente melhorado. O snr. dr. Veiga, contra-indicou-lhos formalmente. A cliente objectou imediatamente que lhe parecia seriam úteis, pois que F. (um curandeiro da localidade) lhos tinha aconselhado.

No concelho de Bragança ha um empírico de nacionalidade espanhola cuja fama e vulgaridade lhe tem criado uma situação de destaque, e a confiança nas suas medicações chega aos confins do concelho.

No proprio seio da cidade estabelece nas dependencias duma farmácia o seu consultório em dias de feira, e o que é certo é que o número dos seus clientes é incomparavelmente maior que o número daqueles que reclamam os conselhos dos médicos da localidade.

Infelizmente, para a saúde do povo, não são raros os casos de sérias complicações, provenientes dos seus remédios. Ainda este ano foi internada na enfermaria 8 do Hospital Geral de Santo Antonio uma mulher portadora dum tumor maligno do seio, sendo-lhe por êle garantida a cura, á custa da applicação duma pasta arsenical colocada in loco, donde resultou uma profunda intoxicação.

Ha outro, igualmente de nacionalidade espanhola, que todos os anos percorre as sédes dos concelhos de Bragança e limitrofes, fazendo-se anunciar por meio de prospectos, com antecipação de semanas, indicando os dias em que se encontra nas diferentes localidades do seu itinerario. É especialista de olhos e para êle são reservadas as operações da catarata e restantes afecções oculares, que em geral são tratadas, seja qual fôr a sua etiologia, patogenia e modalidade clínica, pelo

mesmo medicamento específico e suposto útil a todas, «é o remedio dos olhos» (1). É toda a terapêutica ocular reduzida á sua expressão mais simples.

Ha outros preferidos para o tratamento das pústulas malignas, muito freqüentes no concelho de Bragança e ainda outros como algebristas.

Pergunta-se pois: ¿que motivos haverá para esta tenaz preferência do curandeiro, tão generalisada, e porque tamanha confiança nos seus remedios e opiniões, por vezes em detrimento das do proprio médico? ¿Que exito averiguado das suas intervenções assim o recomendam? ¿Onde residem as causas intimas desta simpatia?

Eis as questões a que nos propomos responder.

Antecipadamente convêm acentuar que ha determinadas perturbações mórbidas em que sem hesitações nem discussão de competencias o médico é reclamado, podendo formular-se as seguintes regras:

1.^a— Em todas as infecções ou intoxicações graves

(1) Trousseau relatou na segunda conferência sôbre o empirismo a história dum empírico que pretendia curar a catarata pelo processo seguinte: Estipulava a quantia de 300 fr. pagos antes, e 600 fr. depois da cura completa; mas não aceitava os 300 fr. sem que o cliente visse alguma coisa. Eis como procedia:

Colocava o cliente em frente duma janela em plena luz solar e dava-lhe a lêr a epígrafe dum jornal. O cliente não lia nada. Fornecia-lhe um remedio para fricionar o olho doente, naturalmente com propriedades de midriase, mandando-o voltar quatro dias depois, dizendo-lhe: se você lêr este mesmo jornal dar-me-ha 100 escudos.

Quando este voltava passados os quatro dias, colocava-o de costas voltadas para a luz, e o individuo conseguia lêr á custa da posição e da midriase os caracteres menores do jornal. Dava de boa vontade os 300 fr.

em que os sintomas dôr ou hemorragia são dominantes, mascarando todos os outros, o médico é o preferido.

2.^a — Se a doença se instala insidiosamente, de marcha progressiva, lentamente crescente, com aspecto de cronicidade e em que os sintomas dôr ou hemorragia são atenuados cedendo o passo a outros como emagrecimento, astenia, anorexia, etc., o curandeiro é preferido.

De facto, são estes dois sinais « dôr e hemorragia » as duas manifestações mais aterrorisadoras para o povo, admitindo a gravidade da doença em proporção com a sua intensidade.

Um dos primeiros motivos de preferencia resulta do estado financeiro da maior parte, nem sempre em circunstâncias favoráveis que habilitem de pronto á satisfação imediata de alguns escudos correspondentes á consulta médica, quantia acrescida pela distância a que o facultativo se encontra, por vezes de três, quatro e cinco léguas e mais. É esta uma dificuldade vencida apenas em casos extrêmos, pois nos restantes se vai entre-tendo a doença e contemporisando com os serviços dos charlatães que pelo seu maior número, se acham mais condensados, e ainda porque não ha urgencia de satisfazer os seus emolumentos, pagos em regra na ocasião das colheitas cerealíferas. O curandeiro está avençado por um ou dois alqueires de cereal anualmente.

Aos emolumentos do médico crescem ainda as despesas conseqüentes da farmácia, que o curandeiro restringe, pela substituição de drogas caseiras. Porém, este argumento de carácter financeiro não justifica o quasi exclusivismo do charlatão, visto que os proprios abstencionistas não hesitam, para sustentação de capri-

chos e birras com qualquer visinho, consumir judicialmente dezenas de escudos sem proveito com advogados.

Mas por outro lado a confiança no médico é duvidosa e os argumentos basilares dessa desconfiança não são totalmente desprovidos de bom senso, e a conduta profissional de alguns médicos atribuímos a responsabilidade e culpabilidade da conservação de parte deles, que, felizmente para o povo e para a classe, poderiam ser debelados ou atenuados a custa de um pouco de escrúpulo e correcção.

Queremos referir-nos á deslialdade profissional, manifestada e exaltada até perante o proprio cliente. Há campanhas de médico contra médico, que sob êste ponto de vista abalam aos olhos do paciente os créditos de qualquer deles. Assim, não são raros os casos em que um médico á beira do leito do doente, longe de procurar concentrar na sua intimidade a sua inimizade, inveja ou má fé relativa ao colega, não tem escrúpulos em aproveitar êste delicado momento para censurar a competência daquele, referindo êrros e acentuando perigos problemáticos, sempre faceis de justificar perante leigos em assuntos médicos, e nem sempre fáceis de demonstrar perante colegas.

Umaz vezes, é a reprovação absoluta das medicações com a especificação de todos os males imaginários que delas podem advir; outras, o rótulo de um novo diagnóstico, em desacordo com o antecedente, explicando que a doença não é aquilo que se tinha suspeitado e que por conseguinte o seu colega errou, não podendo nestas condições ser-lhe favoravel o uso dos remedios aconselhados. Outras vezes ainda é o brusco gesto de carregão, manifestando a sua animadversão,

lançando á rua violentamente os medicamentos existentes. (Este caso é do nosso pessoal conhecimento).

Não se imagine que ha exagêro nas nossas afirmações; infelizmente estes actos de deslialdade são mais freqüentes que deveriam ser.

Citemos um exemplo:

O snr. dr. Manuel Ventura da Fonseca foi assistente duma doente portadora duma doença infeciosa. Entre as medicações aconselhadas, prescreveu tambem gôtas de tintura de iodo, internamente. Na impossibilidade de poder continuar a prestar os seus serviços clínicos áquela doente, por ter de se ausentar da respectiva localidade, foi, como o caso requeria, substituído por um colega que na sua primeira visita exclamou: ¿Que é isto? Tintura de iodo! Espanto! E voltando-se para a doente perguntou: ¿Você já deitou alguma vez na pele tintura de iodo?

— Sim, senhor.

— ¿E a pele não descamou?

— Sim, senhor.

— Pois é exatamente o que aconteceu aos seus intestinos. Você tem os intestinos descamados. Como é que podia melhorar com tal medicamento? Êle só agravava mais a sua doença.

Ora reflectindo um pouco, fácil é comprehender a acção moral exercida sobre o doente, que a uma depressão orgânica, proveniente da sua doença, se vem juntar est'outra de natureza psíquica. Aceita sem relutância como principio a incompetência do seu primeiro assistente, e não tardará, nos casos menos favoraveis á recuperação da sua saúde, que êste juizo se estenda ao segundo.

Daqui resulta um duplo perigo : para o doente, que ficou duvidando da natureza da sua doença mal compreendida pelos médicos, gastando a sua imaginação débil a fazer o seguinte raciocínio: «Pois se os médicos estão em desacôrdo, vendo em mim doenças diferentes, um ou outro, ou ambos se enganaram. Por conseguinte a doença é muito grave porque nem eles, *que estudaram para isto, a entendem*».

E preocupando-se cada vez mais, a sua esperança vai diminuindo, e a possibilidade duma evolução mais rápida, de gravidade crescente da doença em terreno moralmente deprimido, é aceitavel.

Na verdade, uma das preocupações do doente, além dos seus sofrimentos, é saber o nome da sua doença. É pergunta que raramente falta. Embora a resposta seja uma palavra *bárbara* que nada o elucide, fica satisfeito. Ora, se dois médicos lhe dizem *barbaridades* diferentes, a dúvida nasce, a desconfiança é certa e o ânimo deprime-se.

O médico prejudica-se, porque daquela discordância propositada (é a estes casos que nos referimos) os seus créditos profissionais são um tanto ou quanto postos sôbre reservas, e os doentes não escondem, antes propalam, exagerando, os seus êrros.

Sem querermos dar conselhos, lamentámos que médicos, conhecedores da influênciã e funestos efeitos que tem para o doente uma simples palavra descuidadosamente proferida, não se abstenham (fazendo o sacrificio de calar na intimidade da sua consciênciã a sua inimizade para colegas), de actos, referências e apreciações sem utilidade e com inconvenientes e perigos certos.

E embora umas e outras das medicações aconse-

lhadas influam favoravelmente sobre a doença, a mentalidade do doente, criando sofrimentos imaginários, delicada e desconfiada, se os não repele em absoluto, nem por isso deixa de contrariar a sua acção.

Outra eventualidade de importância reside na forma farmacêutica diferente em que o remédio é ministrado. Aqui é a ignorância do doente a única causa responsável das suas dúvidas, que não são sem influência no conceito que possa fazer dos médicos. Um, por exemplo, receitou a antipirina em hóstias; outro em poção; conclusão: os remédios são diferentes e por conseguinte a doença não foi igualmente compreendida. Desconfiança! Por outro lado é muito frequente supôr que todas as hóstias por exemplo, contêm o mesmo medicamento.

Assim, se um doente fez uso de hóstias, seja qual fôr a substância nelas contida, e observa que outro faz igualmente uso delas, diz: Eu tambem já tomei esse remédio e fez-me bem ou mal, (conforme o resultado). Na segunda hipótese, deprecia-o na presença do proprio doente, e êste se por vezes inicia o seu uso, não tarda que o ponha de lado.

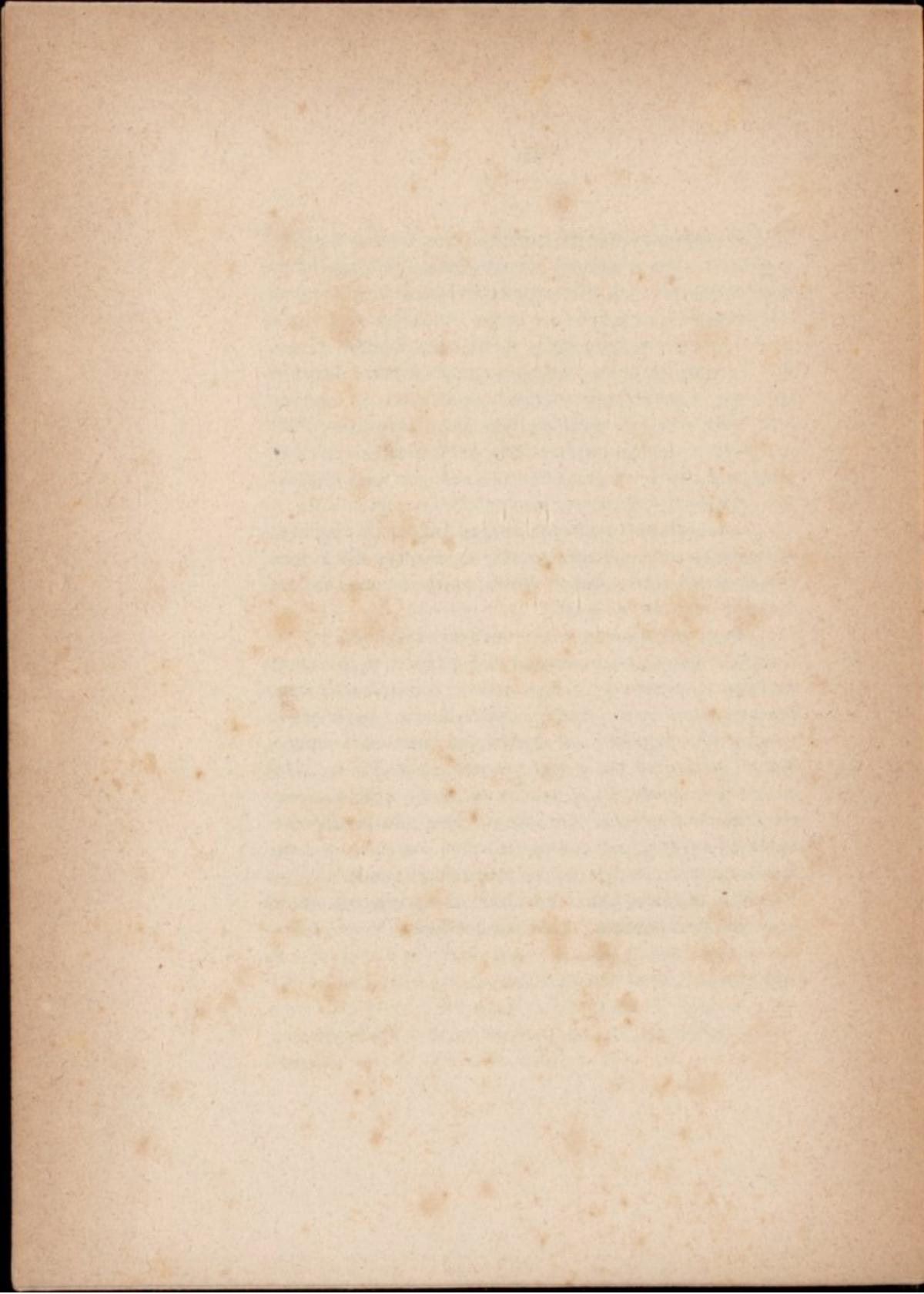
Admitida como princípio director que a maneira como o médico se conduz perante o doente, com ponderação ou sem ela, com carinho ou bruscaria, com reflexão e certeza ou distração e contradições nas suas ordens, influe sobremaneira na evolução ulterior da doença, não será inadequado acentuar aqui que da falta de preceitos e cuidados naquele sentido tem, mais vezes que seria para desejar, resultado a desconfiança na competencia de médicos e até desconfiança na medicina.

Nós sabemos que há circunstâncias inevitáveis, contraditórias, em condições determinadas de padecimentos, dependendo scientificamente da maneira diferente na interpretação dos fenómenos e sua evolução, sem que o médico tenha, por ignorância ou menos cuidado, errado. Mas esta discordância, consequência do aspecto diferente com que a modalidade clínica é concebida e interpretada, nem por isso deixa de criar no espírito do doente a dúvida e menos consideração pelo médico, causando tanto mal como um prognóstico errado ou uma medicação com efeitos diferentes dos preditos ao doente.

Acontece por exemplo, em prescrições de regimens alimentares, que um médico diz ao doente: Você pode comer de tal e tal e beber esta e aquela bebida, abstenendo-se do uso de tal e tal.

Mas, consultando outro médico, êste, não fez indicações iguais, aconselhando em parte o que estava proibido e proibindo o que estava aconselhado. Pois, bastam, neste caso, ligeiras discordâncias, para que o doente, não seguindo as prescrições dum nem doutro, diga: Um proíbe-me o vinho, outro aconselha-mo. Um diz-me que posso fazer uso da carne, do café, etc., outro não mo consente. ¿Que fazer? Eles não entenderam a minha doença; por conseguinte vou comer o que me apeteça sem consideração pelos seus conselhos.

Não exagero. Quem conhecer as apreciações que o povo faz dos médicos, achar-me-há razão.



Remédios populares

Interessantes e variadas são as medicações populares a cuja acção material anda por vezes ligada a confiança em intervenções sobrenaturais, o que se depreende das benzeduras e outros ritos com que se pretende reforça-la em determinados padecimentos. Se a primeira, a acção própria, físico-química da substância medicamentosa, bem ou mal escolhida, bem ou mal indicada, não é duvidosa, a segunda, no espírito profundamente religioso do aldeão influirá sobre o seu estado moral, circunstância que não é para desprezar.

A sciência, que tantos êrros arcaicos tem eliminado, esclarecendo os fenómenos naturais e penetrando na intimidade e dinamismo de todas as manifestações do pensamento humano, condenando e destruindo, reconstruindo e aperfeiçoando, deve afiar a espada, não para aniquilar, para decepar, mas para dissecar miudamente as substâncias da mézinha, isolando-as, pesando-as, interpretando-as e aproveitando delas o que utilmente possa convir.

É certo que muitos perigos podem advir para a integridade das funções vitais dos seus usos e abusos,

quer por contra-indicações, quer por insuficiência, quer por excesso, quer por importunidade, mas aos mesmos perigos podem igualmente conduzir pelos mesmos motivos as drogas farmaceuticas, scientificamente preparadas. Convêm pois dirigir a atenção para o remedio popular, atendendo a que lá tem ido a moderna terapêutica buscar substâncias sobremaneira úteis, levada nas suas investigações pela observação de longa e proveitosa experiencia popular.

Antes da confirmação scientifica dos efeitos de certos corpos, e, por conseguinte, sem que estes fizessem parte integrante da materia médica, o povo os usou longos anos, sendo mais tarde scientificamente justificado o seu emprego pela descoberta duma rezina, duma goma, dum ácido, duma baze, dum alcaloide ou glucoside, ao mesmo tempo que eliminava outros, verificando nestes propriedades em desarmonia com os seus pretendidos efeitos.

De resto, os remedios populares são na sua generalidade confeccionados á custa de substâncias vegetais e estas ricas em princípios variados, já conhecidos uns, se-lo-ão mais tarde outros, á medida que as investigações da química forem neste sentido mais longe levadas.

Longa é já hoje a série de corpos, simples e compostos, isolados do reino vegetal.

Olhando-os meramente sob o ponto de vista químico, justificaremos alguns efeitos e indicações, variando não só na sua íntima constituição como no arranjo dos seus elementos, isto é, no agrupamento dos seus átomos, na sua estructura no espaço. Deste arranjo, desta estereoquímica resultam propriedades diferentes para cada um deles.

Variadissimas são as circunstâncias a influir sobre a acção do medicamento, quer dependentes deste, quer inerentes ao proprio organismo; de maneira que os seus efeitos devem ser procurados não só na sua constituição química, por vezes em aparente desacordo com a acção fisiológica resultante, não só no agrupamento estereoquímico dos seus elementos, mas tambem nas inergias potenciais nestes armazenadas, electrica, radio-activa e calorífica. Apenas esta ultima é bem conhecida, estando averiguado que um corpo liberta por combustão tanto mais calor quanto maior fôr o seu pêso molecular.

A título de curiosidade e para justificar a afirmação supra, escrevemos o grupo de corpos seguintes com os seus respectivos calores de formação:

CH ₄	3119 cal
C ₂ H ₆	3704 »
C ₃ H ₈	5292 »
C ₄ H ₁₀	6872 »
C ₅ H ₁₂	8471 »
C ₆ H ₁₄	9992 »

Além deste poder energetico, que é mister considerar, sais múltiplos, corpos simples por desdobramento, albuminas, alcaloides, hidratos de carbono, essências, fermentos, etc., se encontram no reino vegetal, e todos estes coeficientes nem sempre são tidos em consideração para efeitos terapêuticos.

Diz-se frequentemente: aconselho esta substância, porque contém o alcaloide A que produzirá determinado efeito. Mas a substância considerada não contém

só o alcaloide A e por conseguinte outros efeitos podem ser obtidos.

Nós acreditamos que o médico muitas vezes indica ou contra-indica certa substância baseado num conhecimento muito restricto desta, vendo-a apenas por uma das suas faces, desprezando as outras. Ministrando por exemplo, as folhas de certa planta, confiado nas suas propriedades aromáticas, estimulantes, sedativas ou outras, não contará sempre com os sais de calcio, tão abundantes nelas nem com o magnésio associado á clorófila.

Póde objectar-se que não ha presentemente conhecimento scientifico ácerca da acção terapêutica das suas problemáticas propriedades; e como a sciencia as não sancionou ainda, reprovam-se; mas esta condição não exclue a possibilidade delas existirem e de, mais tarde, serem convenientemente conhecidas.

¿Não data de ontem, do século XIX, a descoberta dos primeiros alcaloides?

¿Não está hoje justificada a velha utilização popular da papoula, da cravagem de centeio, e doutras plantas cujos princípios activos foram recentemente isolados?

Nós não queremos perfilhar os processos caseiros de tratamento das doenças, cujos beneficios não compensam em geral os perigos que acarretam, a que já em capítulo especial fizemos menção. Temos apenas em vista lembrar principalmente aos clínicos da provincia, mais familiarisados com este género de remedios, a conveniencia de mais detida observação sôbre determinadas drogas, que o povo diariamente usa com certo exito, porque em terapêutica a experiencia quasi sempre precedeu a investigação scientifica.

Quer dizer, não devemos terçar armas contra a mézinha caseira; antes contemporisar que condenar; e o médico condena ás vezes mais por ignorância da constituição da droga que por completo conhecimento dela.

*
* *
*

Passemos em revista alguns remedios populares usados no concelho de Bragança, analisando-os com os limitados recursos que para tal fim dispõmos, procurando interpretar á face da sciência a acção farmacodinâmica de alguns.

Amemorreia

Misturar com vinagre folhas de artemisia (*Leucantenum parthenium*, Gren), pisar a mistura num almofariz, e aplicar a massa resultante no cavado da axila.

Parece á primeira vista despropositada tal indicação, mas o que é certo é que médicos considerados doutras eras usaram a mesma planta com os mesmos fins.

Assim, Hipocrates e Dioscoridio prescrevem-na para provocar as regras e acelerar o parto. Zacato Luzitano consegue com ela restabelecer os mênstruos numa amemorreia de 10 anos.

Demése, obteve igualmente bons resultados em casos semelhantes.

Cazin (1886), aconselhava (1) o suco da planta (60 gr. por dia, durante 10 dias) nas leucorreias.

Para nós tal processo de tratamento é em princípio condenável visto a grande variedade de causas que podem conduzir à amemorreia (chlorose, tuberculose, nefrites crónicas, doenças diatésicas, malformações uterinas, insuficiência ovárica, etc.), e o tratamento deverá ser sempre racional de harmonia com a causa e nunca empírico.

A artemisia é actualmente considerada como um emenagogo, tendo um princípio activo a artemisina e o ácido absíntico. Porém o seu modo de aplicação é a infusão, o pó e o extracto; de maneira que a sua acção farmacodinâmica, dependendo do modo de utilização popular, só poderá ser explicada por uma acção reflexa por estímulo dos nervos periféricos.

Icterícia

Funcho	(raiz)	} ãã
Morango	»	
Salsa	»	
Gilbarbeira	»	

Fazer uma infusão com aquelas substâncias e toma-la aos copos.

Hipocrates e Dioscoridio usaram o funcho como estimulante e galactógogo.

(1) *Memoires de la société de médecine de Copenhague.*

Bodart, verificou em repetidos casos a última propriedade, restabelecendo freqüentes vezes a secreção lactea, ministrando chá de sementes.

Cazin, refere casos análogos.

Vê-se pois que esta indicação terapêutica não é mera invenção popular.

É certo que não encontramos referências do seu uso em casos de icterícia, mas os livros modernos de terapêutica atribuem propriedades diuréticas às raízes destas plantas, que nas icterícias podem ser utilmente aproveitadas.

A salsa, o morango e a gilbarbeira são igualmente diuréticos.

A gilbarbeira tem indicações especiais nas hidropisias e nas icterícias, sobretudo com a adição dos sais de potássio, tão abundantes no reino vegetal.

De sorte que a infusão popular feita à custa daquelas plantas fica assim justificada.

Doenças do fígado

Introduz-se dentro duma panela de barro, açúcar e agriões. Arrolha-se convenientemente e leva-se ao forno. O resíduo é tomado às colheres.

Pode usar-se também quotidianamente o caldo de agriões durante meses. O exito é tão seguro como no primeiro caso, mas mais demorado.

A confiança nesta medicação é atestada pela lenda corrente de que um doente de fígado condenado à morte pela medicina, foi curado no curto prazo de seis meses com caldos de agriões por conselho dum pobre a quem

deu pousada. A cura foi tão radical que o seu médico assistente matou-o para observar pela autópsia o estado do seu fígado. Tinha *figados* novos!

É crível que as doenças de fígado de concepção popular digam respeito apenas ás cirroses, visto serem nesta região, como de resto noutras, as modalidades clínicas mais frequentes, atendendo ao excessivo consumo do alcool e ainda ao hematozoário de Laveran. E se presentemente com raridade aparece um ou outro caso isolado de paludismo, ainda ha poucos anos numerosos casos eram observados, sendo já do nosso conhecimento a vasta generalisação desta doença, que espontâneamente se tem atenuado.

Do que se conhece da composição química do agrião, apenas um glucoside — a gluconasturnina —, que por desdobramento dá uma essência sulfurada; contém ainda ferro e iodo.

Não sabemos se modernamente alguém terá experimentado aquelas substâncias como estimulantes ou sedativos hepáticos (conforme os períodos da cirrose), mas as indicações terapêuticas do agrião são como anti-es-corbutico, diurético e diaforético.

No entanto nada nos repugna acreditar que alguns beneficios possam advir para o doente com o uso do agrião (sem atingir o exagero popular a ponto de criar *figados* novos), visto estar averiguado que uma parte do órgão pode suprir por hipertrofia e excesso de função a deficiência que a perturbação da parte doente acarreta. De maneira que uma substância estimulante e com electividade particular para a célula hepática pode conduzir áquele resultado.

¿Terá o agrião essa propriedade?

Chatin, diz ser o melhor legume para os diabéticos. É já uma opinião auctorizada para suspeitar da sua electividade hepática.

Talvez alguns médicos exercendo a sua clínica nesta ou outras regiões similares pelos costumes e processos de terapêutica tenham em casos identicos prescrito o caldo de agriões na dietética. É experiência de realisação fácil que algumas indicações uteis ou inuteis poderia fornecer.

De resto, se ao povo ha muito que ensinar, com o povo ha muito que aprender.

Paludismo

Fel da terra (*Centaurea Umbelatum Gilli*) fervida em vinho numa precentage de $\frac{15-30}{1000}$. Toma-se aos copos de meio quarteirão. Três a cinco por dia. É conveniente comer quanto apeteça.

Está averiguado que a *centaurea* contêm o ácido valerianico, $\text{CH}_3(\text{CH}_2)_3\text{COOH}$, açúcar, goma, resina e a erithro-centaurina, cuja formula química é $\text{C}_{27}\text{H}_{24}\text{O}_8$ e ainda um princípio amargo.

É pois uma substância de composição complexa, cujas propriedades de conjunto ou isoladamente de cada corpo constituinte não são convenientemente conhecidas sob o ponto de vista farmacodinâmico.

Os livros de matéria médica referem as suas propriedades tónica, estomáquica, febrífuga, designando-a ainda pelo sinónimo — erva da febre.

Le Ditionaire de sciences medicales, t. IV, pag. 415

transcreve a opinião de Biet que diz ser suficiente para deter os acessos de febres quotidianas.

Roques, em 1795, em virtude da impureza das quinas fornecidas pelas farmácias, recorreu á centaurea, associando-a á camomila (estimulante, anti-espasmódico) e ao éter, no Hospital Militar de Perpignan, combatendo por este meio um grande número de febres palustres rebeldes.

Vanters, considera ainda esta planta como um bom sucedâneo das quinas; e sendo a centaurea irritante para o estômago, compreende-se ainda a conveniencia sob este ponto de fazer abundantes refeições.

Não é pois despropositada a sua indicação e utilização popular.

Conjuntivites

Infusão de rosas e flor de sabugueiro (*Lambucus nigra*, Lin.) em aplicações locais.

São bem restrictos os géneros de roseiras nesta região; no entanto são preferidas as rosas vermelhas. Em geral todas elas tem propriedades adstringentes e por conseguinte adequadas ao tratamento das conjuntivites, sobretudo no período de resolução. Quimicamente são conhecidos dois princípios activos: um tanino e uma essência, a *quercitrina*, atribuindo-se a este último propriedades antisépticas.

As flores de sabugueiro associadas às pétalas de rosa, gosam de propriedades resolutivas. De maneira que o colirio supra terá por conseguinte propriedades antisépticas, adstringentes e resolutivas.

Noutras doenças é o sabugueiro empregado na medicina popular, utilizando-se segundo os casos, as bagas, a casca interna, e as flores.

Não sabemos se estas indicações são de origem popular. O que é certo, é que muitos médicos distintos prescreveram com exito as diferentes partes desta planta. Convêm transcrever aqui as opiniões de alguns deles, referidas no «Dicionário de Medicina Vegetal» :

Boerhave, dizia que o suco da casca era o melhor hidragogo. Ministrava-o como purgante.

Sydenham, applicava com o mesmo fim o decocto da casca em água ou leite.

Martin Selon, cita casos de ascite curados.

Bergé, Mallet afirmam ter colhido resultados muito satisfatorios em circunstâncias idênticas.

Hipocrates e Haller, obtiveram igualmente bons resultados em várias hidropisias, attribuindo às bagas propriedades purgativas.

As infusões de flores (calmantes e resolutivas) foram ainda consideradas por Hoffman e Burtin, em fins do século XVIII, como antisépticas, até em casos de gangrêna.

Borgetti d'Ivrée (1) empregou a segunda casca contra a epilepsia, por ter conhecimento de varios casos felizes obtidos por pessoa extranha à medicina.

É crível que haja um pouco de exagêro nestas afirmações, desculpavel pela escassez de recursos scientificos e concepções erradas da patogenia das doenças, e ainda pela ignorância total da química da planta, mas

(1) *Gaz. Med. et Bulletin Général de Therapeutique.*

nem por isso deverá merecer-nos menos consideração o seu espírito observador.

Actualmente são conhecidos dois glucosides — a sambunigrina e a conicina, não querendo significar que a química da planta esteja completamente feita.

Conjuntivites

Côdea de pão centeio torrada e amolecida com vinho. Fazer uma cataplasma e coloca-la durante duas horas no olho doente, substituindo-se por outra igual durante o mesmo tempo.

A composição química desta cataplasma é bastante complexa para que se possa determinar a substância ou substâncias que mais contribuem ou concorrem para o resultado terapêutico que delas se pretende obter.

Assim, encontramos na farinha de centeio — gluten, albumina vegetal, amido, açúcar, goma e substância gordurosa. No vinho a composição química é mais complexa ainda — alcool, tartarato de potássio, glicerina, açúcar, gomas, dextrinas, éteres, essências aromaticas, matérias corantes adstringentes e tânicas, ácidos (acético, tartrico, succinico, propionico), sais (sulfatos, cloretos, fosfatos, etc.).

Deste conjunto de substâncias resultam propriedades emolientes e resolutivas, e ainda talvez um pouco antisépticas pelo alcool que contêm. Compreende-se, pois, que a sua acção terapêutica esteja dependente delas.

No entanto, sem perfilhar tal processo terapêutico, supomos que apenas as conjuntivites catarrais

ligeiras possam beneficiar com este tratamento. Seria irrisório admitir que a conjuntivite impetiginosa, gonocócica, diftérica ou mesmo a conjuntivite complicada de lesões corneanas, por exemplo, pudesse ceder a este tratamento exclusivo.

Nevoas (nefelion)

Alho }
Loureiro } āā

Mastiga-se o alho e o loureiro em conjunto, aplicando a massa resultante sobre a conjuntiva durante nove dias.

Três substâncias entram pois na constituição desta mézinha: o alho, cujo princípio activo é o sulfureto de lilo, o loureiro, contendo o laurato de glicerina, e a saliva, líquido alcalino.

O primeiro é excitante e rubefaciente; o segundo é emoliente, e a saliva desempenha a função de veículo.

Sejam quais forem as propriedades da mistura, conhecidas ou ignoradas, citam-se repetidos casos de cura e tão rebeldes *que nem cederam a benzeduras* (1) antecipadamente feitas.

(1) Noutro capítulo tratamos delas.

Aftas

Água de rosas

Vinagre

Mel

Bochechar repetidas vezes.

Já dissemos na pag. 56 que as rosas gosavam de propriedades antisépticas, devido á essência «quercitrina.»

O vinagre é tambem ligeiramente antiséptico e ao mesmo tempo cáustico para as mucosas, visto conter ácido acético, e tambem adstringente.

Pneumonia

Gramma	} aã
Linhaça	
Avenca	
Figos sêcos	

Tomar repetidos chás desta mistura.

A grama é averiguadamente um diurético á custa dos sais de potássio que contêm; mas atribuem-se-lhe ainda propriedades nutritivas devido á *triticina*, hidrato de carbono, cuja fórmula é $C_{12}H_{12}O_{11}$; e a uma matéria gomosa semelhante á inulina $(C_6H_{10}O_5)_n + H_2O$, atribue-se ainda propriedades antisépticas, expectorantes e antiespasmódicas, adequadas por conseguinte ao combate da pneumonia.

Costuma ministrar-se a grama em decocto, como diurético, principalmente em doenças do aparelho urogenital que reclamem a diurese. É possível que seja igualmente um diurético a preferir em casos de pneumonia, atendendo ao conjunto das outras propriedades que lhe são atribuídas.

A intervenção da linhaça não é despropositada, pois á custa do seu oleo fixo e mucilagem, gosa de propriedades laxantes e emolientes com indicações, segundo alguns livros de terapêutica, nas doenças febris e sobretudo em catarros, pneumonia e desinteria.

A avenca é utilizada como edulcurante e correctivo, antes que como verdadeiro medicamento, nas afecções bronco-pulmonares. A sua actividade é pequena mas o povo tem nela grande confiança, o que está de harmonia com Formis, Chomel e outros médicos do século XVII, que lhe ligaram muita importância.

Os figos, pelas substâncias açucaradas (60-70 %), gorduras e gomas, desempenha propriedades emolientes e laxantes.

Não é pois o conjunto destas substâncias contra-indicado em casos tais, se bem que a maior parte dos bons resultados aparentemente obtidos á custa desta medicação, devam estar dependentes da propria doença, visto ser expontâneamente curável sem intervenções extranhas, que por vezes até, quando mal a proposito, mais contribuem para modificar desfavoravelmente a sua evolução.

Pruridos

Lavagens freqüentes com infuso de *erva pombinha*—
Fumaria — (*Fumaria capriolata*).

A sua composição química é o ácido fumárico $C_4H_4O_4$ e um alcaloide a *fumarina* (protopina).

Nós conhecíamos a fumaria preconizada como tónico e sudorífero nas escrófulas e doenças cutâneas crónicas. Como anti-pruriginoso é largamente empregada pelo povo, não podendo garantir os seus efeitos.

Febres

Um dos tratamentos mais correntemente empregados contra a febre consiste em tomar como bebida a infusão de alecrim (*Rusmarinus officinalis* — Lin.) em vinho.

Pela freqüência e vulgarisação desta bebida despreende-se que efeitos mais ou menos úteis provenham do seu uso.

Esta propriedade anti-febrífuga é ainda confirmada por alguns médicos. Assim, Bazin emprega a infusão de alecrim nas febres adinâmicas e ataxicas. Diz que êste emprêgo lhe foi sugerido pela circunstância de ter que actuar no campo com urgência e sem recursos num caso de acesso febril intermitente e pernicioso.

Do bom êxito colhido continuou a applica-lo em febres tifoides e outras com resultado. *Eu olho o rosmarininho como o melhor estimulante anti-espasmódico que se*

possa empregar nas febres tifoides sobretudo quando os sintomas ataxicos dominam (1).

Outras propriedades lhe são ainda atribuídas, como por exemplo, a de tenifugo por Vandermonde que aconselha o extracto (III gt.) repetidas vários dias.

De longa data vem sendo esta planta empregada na medicina popular com a indicação supra. Certamente que a reputação de que goza deve ser procurada nos satisfatorios resultados obtidos com a sua applicação.

Porém, modernamente a química, não contra-indicando a sua acção, antes a justifica e confirma pela existência de grande quantidade de cânfora, além de oleos voláteis, resinas e gomas, que entra na sua constituição.

Cólicas — Crises hemorroidárias — Disuria

Banhos de assento com:

Cassimo branco (*Verbascum Thapsus* — Lin).

Beldro mercurial (*Parietaria Vulgaris* — Hill).

Em qualquer destes padecimentos o banho de assento simples está favoravelmente indicado pelos efeitos sedativos que a sua temperatura produz. A sua acção será pois mais intensificada pela associação de substâncias convenientes, como as acima mencionadas.

O cassimo branco é um emoliente e um anti-espasmodico, com indicação nas infecções gastro-intestinais:

(1) Bazin — *Traté des plantes médicinales* — pag. 322.

diarreia, disuria, dôres hemorroidárias e tenesmo vesical ou rectal.

Cazin, obtinha bons resultados de cataplasmas de folhas fervidas em leite em caso de insuportáveis dôres hemorroidárias.

Forestus, refere um caso idêntico, com intoleráveis dôres, favoravelmente debelado com fomentações de cassimo e meimendro.

Ao beldro mercurial além das suas propriedades emolientes, têm sido atribuídas propriedades diuréticas, visto a quantidade de azotato de potássio que entra na sua constituição. Ora a sua acção diurética, a existir, não explica os efeitos colhidos pelo banho. É talvez ás suas propriedades antiflogísticas (de que Barbier duvida) e emolientes que se deve atribuir a sua acção.

Suores

Contra os suores emprega-se com frequência o chá de Salva (*Salvia officinalis* — Lin.)

Tem a sua razão de ser; e a sciência está hoje de posse de duas substâncias nela contidas: *um tanino*, que a recomenda como tónico, e a *tanacetona*, essência análoga á do absinto — (a absintina, substância amarga) que a recomenda como estimulante.

Alberto Robin, diz ser eficaz contra os suores dos tuberculosos.

Dôres de dentes

Bochechar com o infuso quente de Dormideira —
Papaver sanniferra — Lin.)

Diabelha — *Plantago Caronopus* — Lin.)

Empregam as cápsulas de dormideiras contendo as sementes. As suas indicações como sedativo, como calmante e como hipnótico bastariam em certos casos sem outras associações para combater a odontalgia, pela grande quantidade de morfina (0,28 0/0), codeína, narcotina, etc., existentes nesta planta.

A sua associação com a diabelha, ou mais popularmente — engorda porco — não nos parece, pelo conhecimento que desta planta temos, que possa beneficiar de muito a medicação, a não ser talvez pela sua propriedade adstringente, propriedade esta com que é indicada scientificamente em gargarejos (infusão 15 gr. para 500 gr. de água fervente).

Das investigações feitas por nós ácerca desta planta e seus usos em épocas passadas, averiguamos que Galeno lhe atribuíra a propriedade de descongestionar as vísceras, de dissipar as fluxões, de deter as hemorragias e as diarreias.

Celso e Plínio, recomendam-na contra a tísica e actualmente esta indicação persiste ainda.

Modernamente tem sido considerada como febrífugo em febres palustres por Néaumoins Perret e Martin Lausier, dando bons resultados em casos em que o quinino falhou. No entanto, a falta de indicação clara nas odontalgias não exclue a possibilidade de intervir favoravelmente.

Cefalalgias

Aspirar os vapores do café no momento da torrefacção.

Esta operação costuma fazer-se deitando café moído nas brazas e receber os vapores.

Durante a torrefacção do café desenvolve-se uma essência aromática — a Cafeona, que é um excitante cerebral com indicação nas cefalalgias, nevralgias e asma nervosa periódica.

Não é pois condenável este processo terapêutico popular.

Pontadas

Untar com mel a região da pontada e em seguida pulverisar com pimento e farinha de centeio.

O pimento é um excitante e um rubefaciente á custa da caprisina (oleo resinoso). A farinha é um emoliente e o mel serve naturalmente para fixar á parede as substâncias anteriores.

Compreende-se que esta espécie de cataplasma, pela rubefacção dependente do pimento possa atenuar a dôr.

Hemorragias post partum

Ligar fortemente o abdomen com uma faxa (1).

(1) Estas faxas são as usadas pelos homens do campo, tendo aproximadamente 5^m de comprimento.

Em princípio a indicação é boa, mas insuficiente. Nem a compressão da aorta pôde ser feita por este mecanismo, nem a compressão do útero pode ser realizada convenientemente.

Outro processo consiste em ligar os braços e as coxas da parturiente com um ramo de madresilva (*Lonicera periclymenum*, Lin.) e os pulsos e pernas com grupos de seis fios de linho.

Em casos de hemorragia abundante em que os sintomas de anemia por espoliação sanguínea revestissem uma certa gravidade, bem indicada estaria esta maneira de proceder, se a compressão dos membros fosse suficiente e se a massa sanguínea destes pudesse ser, na sua maior parte, aproveitada para a irrigação cerebral.

No caso que nos ocupa, porém, esta aparente laqueação temporária é incompletíssima, não perturbando em nada a circulação normal, tão superficialmente é feita. De resto, o material empregado é inadequado por falta de resistencia, pela forma, e ainda pelo método de aplicação.

Equimóses — hematomas

Tomar a infusão quente de pimpinela (*Sanguisorba vulgaris-Hill*).

Esta planta, de que se empregam as folhas, tem sido usada como diurético e adstringente.

Diz-se que as folhas aplicadas nos seios das mulheres activam a secreção láctea.

Esta propriedade foi exaltada por Tabernaimontanus, não sendo confirmada pela observação.

Tem sido utilizada contra as hemorragias, e é desta propriedade hemostática que lhe vem o nome de Sanguisorba.

Tosse—Catarro

Usa-se o chá de avenca. (*Asplenium trichomanes*).

Esta planta é muito empregada como peitoral, no meio popular.

O médico Tronchin recomenda um crême peitoral de sua composição em que um dos princípios activos é o xarope de avenca.

A avenca é hoje do domínio da farmácia, mas cremos que o povo antecipou o uso dela às indicações médicas.

Dermatoses pruriginosas

Lavar rēpetidas vezes as regiões doentes com urina.

Epilepsia ⁽¹⁾

Beber urina. Também está aconselhado tirar no momento do acesso a camisa ao doente, reduzi-la a cinzas e ministrar-lhe estas em vinho.

⁽¹⁾ O povo dá a esta doença a denominação de *gota*.

Cólicas

Beber urina de vaca, ou ingerir chá de excremento de ratos.

«Delivrance» retardada

Dar a beber à parturiente a urina do pai da creança.

Verrugas

Beber sangue menstrual duma virgem.

Anemias

Beber sangue de animais.

Mordeduras de abelhas

Ensalivar durante um minuto a região atacada e consecutivamente colocar em cima uma moeda de cobre.

Poderíamos aumentar os exemplos de perturbações mórbidas tratadas pelos líquidos orgânicos; porém estes bastam para justificar a conservação no povo de arcaicos processos terapêuticos, que em tempos remotos tão vulgarizados foram. Os velhos livros de medicina a eles fazem larga referencia e com vastas indicações.

No seu *Traité Universel des drogues simples* (sec.

XVIII), Nicolas Lemery, diz que a saliva do homem são e em jejum é útil nas mordeduras das serpentes e de cães raivosos; e no *Dictionaire des sciences médicales* (vol. 49.º) lê-se:

«O uso exterior da saliva é conhecido desde muitos séculos. Alguns auctores, desde Galeno, dizem que se curam muitas dermatoses com a saliva do homem em jejum. Ha médicos que a recomendam na erisipela pustulosa, misturada às raizes de borracha trituradas com os dentes. Tem-se aconselhado no albugo, de mistura com a goma amoníaca, na gota, fricionando todas as manhãs a região dolorosa, nas manchas congénitas, sarna, etc.».

Pretendendo investigar à face da sciência a proveniência das problemáticas propriedades benéficas que a saliva possa ter em applicações externas, parece-nos que a existirem, devem apenas ser atribuídas à sua termalidade e sua alcalinidade.

Como a saliva, a urina tem sido largamente applicada. É o proprio Lemery que attribue à urina do jumento propriedades benéficas sôbre nefrites, sarna e gota, e à urina da vaca, propriedades purgativas e diuréticas na dose de 2 a 3 quarteirões, ministrada em jejum durante dez dias. As suas indicações são o reumatismo, gota, hidropisias e febres, actuando pelos sais de amonio, ureia, clorêtos e fosfatos que contem.

O uso da ingestão de sangue de animais nas anemias é ainda hoje correntio, apesar de ter origens remotas, e com indicações não só em pessoas enfraquecidas mas ainda em pessoas robustas, que dele faziam uso, na intenção de se tornarem mais robustas ainda.

As crónicas homericas referem que um preceptor

de Aquiles fortificava o seu aluno dando-lhe sangue e medula de leão. Com idêntico fim os romanos bebiam o sangue dos gladiadores.

No século V, Aetius recomenda o sangue quente de animais.

Dioscoridio, Plínio, Galeno, falam da medicação orgânica e recomendam o sangue quente aos anémicos.

Mais tarde a Escola de Salerno (1230) recomenda o sangue seco.

É que, diz-nos Albert-le-Grand: (1)

«Tout être communique á toutes les choses auxquelles on le joint ses propriétés et ses vertus naturelles».

É natural que a mesma concepção existisse em todos os tempos (2), visto existir desde sempre com muita vulgaridade a medicação orgânica, isto é a opoterapia, circunstância que em nada desvirtua os trabalhos recentes de Brow-Sequard.

*
* *
*

Além dos remedios descritos, cuja acção pode ser mais ou menos interpretada, e com documentação histórica, muitas outras curiosidades aparentemente disparatadas, são tidas na conta de muito úteis em certas doenças.

(1) *Les admirables secrets de la médecine avec les vertus et les propriétés des plantes, des animaux et des végétaux.*

(2) *L'opotherapie avant, Brow-Sequard — Bruvet. (Arquivos clinicos de Bourdeus) — 1898.*

Quando, por exemplo, uma creança tem incontinencia noturna de urina, dá-se-lhe, sem que esta o saiba, caldo de ratos.

*

Se por qualquer circunstância ha uma retenção aguda de urina, procura-se um grilo vivo, tira-se-lhe uma perna, faz-se um chá desta e ministra-se ao doente.

Em qualquer dos casos, incontinencia ou retenção, qualquer das medicações acima é considerada de exito certo.

*

Nas dôres de ouvidos, introduz-se no canal auditivo externo um unguento feito de ratos recém-nascidos, frigidos em azeite.

*

O rabo de bacalhau salgado, assado e desfeito em vinho é ministrado internamente para combater as cólicas.

Tambem são para o mesmo efeito aconselhadas fricções abdominais com o lenço da cabeça duma virgem.

*

Os gânglios escrofulosos supurados, são tratados colocando sobre eles um retalho de membranas duma primípara.

*

As insónias debelam-se com cerumen do ouvido dum cão cosido em vinho, e este tomado aos copos.

*

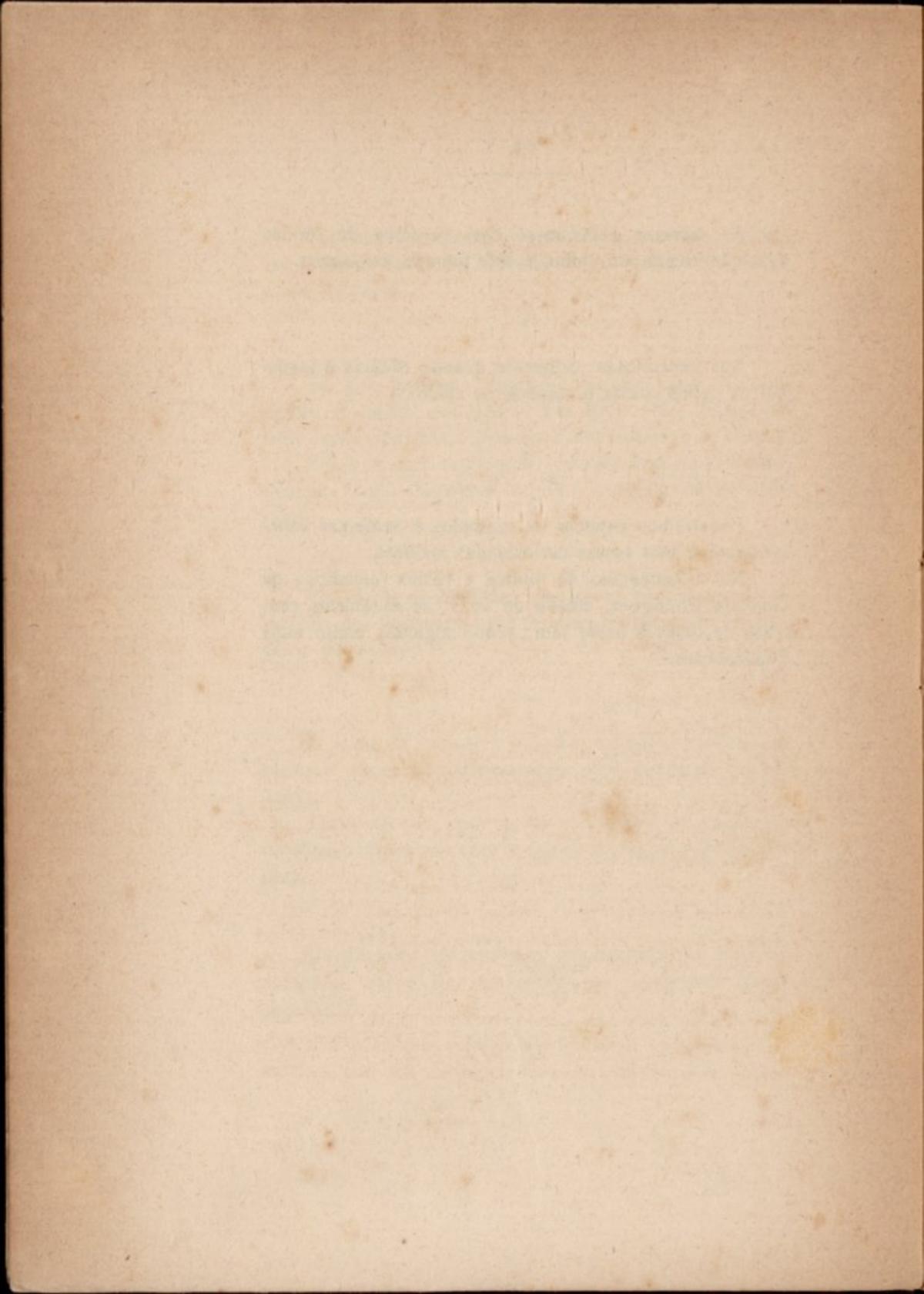
Nas dermatoses atribue-se grande eficácia à ingestão de cobra cosida e respectivos caldos.

*

* *

Poderíamos duplicar os exemplos e aumentar enormemente a lista destas curiosidades médicas.

No «Compêndio de muitos e vários remedios» de Gonçalo Rodriguez, edição de 1671, se encontram centenas de receitas neste teor, sendo algumas muito mais disparatadas.



Feitiçaria e Benzeduras

Segundo o snr. Pedro d'Azevedo, o termo feitiçaria é puramente peninsular, se bem que os seus princípios e leis se encontrem dispersos um pouco por toda a parte, entre povos contemporâneos, mesmo entre aqueles cujas afinidades de raça são tão longínquas como difíceis de esclarecer.

Parece que, áparte circunstâncias de meio educativo, que fanatisam ou emancipam o espírito humano, criando-lhe tendencias evolutivas ou detendo-o na sua marcha de aperfeiçoamento e de progresso, a proporção de crentes ou adeptos da feitiçaria está na razão inversa do grau de ilustração.

Os povos na sua marcha evolutiva, tão insensível como morosa, têm conseguido eliminar ou, antes, atenuar as suas arreigadas superstições, conservando-as é certo, mas sem as côres carregadas e significado com que em longos séculos prevaleceram através de dezenas de gerações. Lendárias umas vezes, originadas em fenómenos naturais mal compreendidos e deficientemente interpretados outras, chegaram até nós, habitan-

tes actuais da península, como património legado pelos nossos antepassados.

Crenças muito semelhantes na forma e no significado se encontram aqui, como noutros paizes, o que nos leva a admitir a sua origem comum, dependendo a sua dispersão da propria dispersão de antigos povos invasores e do seu cruzamento com os povos das regiões invadidas.

A feitiçaria é uma dessas crenças supersticiosas, que os nossos ancestrais admitiram com fóros de verdade e que actualmente muita gente aceita ainda, se bem que modificações tenham sofrido os seus processos e métodos de intervenção.

É muito crível que a feitiçaria represente o *riliquat* de antigas religiões anteriores ao advento do cristianismo, que não a condenando como entidade inverosímil e sem poder, antes a admitiu, guerreando-a por reconhecido poder e talvez porque prejudicava os interesses materiais dos patronos do cristianismo.

Se já existia antes da época em que os celtas aqui assentaram arraiais, não o sabemos. O que é verdade, é que se não foi aqui a feitiçaria introduzida por eles, benevolamente foi acolhida, adotando-a e professando-a como coisa imprescindível, sendo religiosamente respeitada.

Um dos continentes onde maior desenvolvimento e conservação tem atingido é sem duvida o continente africano, e todos os expedicionarios que ali com diversos fins têm ido, sabem bem quanto arreigados estão ainda hoje tais princípios, sendo tal superstição um dos mais característicos distintivos morais das tribus africanas.

É possível que, em tempos remotos, povos oriundos dali, que na península estabeleceram seus domínios, cá lançassem a semente, germinando esta com tal resistência que luctas numerosas entre raças diferentes não conseguiram destruir.

¿ Mas como se explicaria então que sendo o domínio peninsular desses povos apenas limitado a certas regiões do sul, se encontrem os mesmos ritos por toda a península, com a mesma intensidade, os mesmos processos e os mesmos fins? De certo devem ter especial interferência nesta dispersão outros povos como fenícios, celtas, iberos e romanos que, na sua expansão de relações comerciais, foram divulgando por toda a extensão de seus domínios tais costumes; e tal influência exerceram no espírito de todos, mesmo de seitas religiosas diversas, que o proprio cristianismo não conseguindo destruir esses êrros, reconhece á feitiçaria poderes extraordinarios.

Quando mais tarde a sciência principiou a desenvolver-se, para o que os povos do Oriente trouxeram a sua mais importante cooperação, as práticas sobrenaturais e o maravilhoso confundiam-se com os seus princípios, ainda confusos e indecisos. E se presentemente não gosam da mesma fama, se a sua atenuação e indiferença é de regra entre pessoas medianamente instruídas, o mesmo não acontece entre gente analfabeta das aldeias, em que a feitiçaria representa ainda um indispensável recurso para determinados fins.

Hoje, como então, é admitida a existência de feitiçeiros, apenas com a diferença de que estes são recrutados entre elementos do povo, ignorantes e analfabetos,

ao passo que antigamente eram as pessoas de certa cultura que desempenhavam tais funções.

Assim, na antiguidade eram eles recrutados entre os judeus, indiscutivelmente aqueles que, entre povos seus contemporâneos, maior desenvolvimento intelectual tinham atingido, impondo-se tanto pela sua cultura como pelo incremento comercial.

A autoridade e mando que lhes era reconhecido provinha sem duvida daí. Com os seus ensinamentos vulgarisaram os seus costumes; com o seu comércio multiplicaram os seus domínios, os seus habitos e as suas crenças.

Compreende-se que elementos de raças diferentes aqui existentes, em convívio que a pouco e pouco mais íntimo se foi tornando, não podiam escapar à sua recíproca influência e sobretudo ao domínio intelectual da raça judaica, pois por mais heterogénios e aparentemente inconciliáveis que pareçam os habitos dum povo, em luta de qualquer natureza com outros povos, a sua penetração, reciprocidade de ideias e sua consolidação é inevitavel cedo ou tarde, a ponto de ser impossivel por vezes a destrição do que é particular a cada um deles.

Mais tarde, no século XV, novo incremento tomou a feitiçaria, para o que contribuiu a introdução da escravatura dos negros na península, estendendo-se até estes o recrutamento, que até aí era quasi exclusivamente feito entre os judeus.

Sociedades secretas foram constituídas com o fim de praticar atos de carácter misterioso, com religiosidade adequada ao culto da feitiçaria, que os proprios reis reconheceram e admitiram.

É claro que sendo esta superstição considerada

como verdade indiscutível, nenhuma dúvida existia entre os povos daquela época ácerca dos seus poderes, e, por conseguinte, não podiam isentar-se de tais ensinamentos as gerações posteriores, que os seus avoengos iam educando desde creanças.

A sementeira fez-se em terreno tão produtivo que ainda hoje frutifica o escalracho no espírito de muita gente.

É que o espírito humano tem inata tendencia para o maravilhoso! Aceita-o espontâneamente sem se deter a aferi-lo pelo padrão do raciocinio: e cerebro dos antigos povos, virgem ainda de ideias concretas, admitindo como sobrenaturais os fenómenos mais puerís, era mais sensível que o das creanças da nossa época, e consequentemente não seriam precisos grandes esforços para gravar e inculcar noções em terreno que pouco tinha produzido ainda.

.....

É noção assente que a vontade do feiticeiro superintendia em todas as coisas; era a causa primária de que dependiam todos os actos da vida orgânica e até fenómenos, que a eles são completamente extranhos; mas por circunstâncias meramente sobrenaturais, absolutamente aceites e indiscutíveis, o feiticeiro dispunha de poderes discricionarios para modificar esses actos e fenómenos, de praticar o bem e o mal, de remediar o que por natureza era irremediavel, de provocar doenças, curá-las ou transferi-las, de adivinhar o passado, o presente e o futuro.

A sua influéncia é dominante sobre todos e tudo; estende-se aos animais e coisas.

Pessoalmente intervinha para modificar as leis da

natureza, mas abundavam também objectos privilegiados, guardados religiosamente com exagerados cuidados, a que eram atribuídas propriedades aproximadamente iguais ás inerentes ao feiticeiro, por meio dos quais se podia conseguir a saúde, o dinheiro, amores, e todo o conjunto de benefícios indispensáveis á felicidade humana.

A intervenção pessoal do feiticeiro ou a utilização secundária de tais objectos, fazia-se com recato e cerimonial convenientes, dando um tom de mistério a todas as práticas adequadas ao fim que se tinha em vista.

Ninguém duvidava da sua competente superioridade e poderes. Os próprios teólogos, sendo as pessoas de maior cultura da época reconheceram sempre a eficácia das suas intervenções, aceitando-as como verdadeiras. Diziam:

«Os feiticeiros fizeram pacto com o demónio para lhes possuir a alma, concedendo-lhes em troca toda a espécie de benefícios e poderes».

Em consequência desta maneira de vêr, resultava que sendo os padres os educadores de então, como o foram em épocas posteriores, tendo nas mãos o destino moral da criança, deviam inculcar no espírito desta crenças inúteis e perigosas.

As doutrinas teológicas, admitindo a realidade da feitiçaria, combatem-na, é certo, sem antecipada intenção de a destruir, e os seus ataques cerrados mais a foram consolidando na massa popular.

Prêgavam-na como intervenção imediata dum *espírito mau*, opondo-se aos designios do seu deus — *espírito bom*, sendo antagónica a acção de ambos, contrariando-se permanente e recíprocamente.

Não podiam, pois, as classes dirigidas duvidar da sua existência, quando os seus dirigentes intelectuais não duvidavam.

De maneira que, se o demónio tinha entre os homens os seus delegados com poderes discricionários para proceder conforme seus designios, era indispensável que outros se lhe opuzessem. como intermediários da vontade de Deus para aliviar a humanidade enferma, libertando-a da acção demoníaca a que estava sujeita. Estes ultimos disporiam de competencia para evitar ou destruir os efeitos malévolos dos primeiros. Era uma espécie de tratamento profilático e curativo.

Desta concepção resultou a criação de benzedores, vivendo debaixo do protecionismo dos teólogos, em detrimento e prejuízo dos feiticeiros.

Aquêles, segundo o povo crê, são escolhidos por Deus para libertar a humanidade dos perigos que a rodeiam, conseguindo-o á custa de orações e outros ritos dirigidos á divindade e contendo uma petição.

Mas o benzedor não poderia instituir-se e apregoar-se como tal, a não ser que fosse portador dum sinal ou acidente natural na sua vida, que o recomendasse como escolhido. Para ser acreditado era indispensável que um fenómeno natural menos frequente, como por exemplo o ter nascido gémeo ou com um *naevus maternus*, ou ser o último e sétimo filho, ou ter falado dentro do útero, o impuzesse ao povo como escolhido.

Qualquer daquelas condições verificadas, a sua competencia para intervir utilmente em muitos padecimentos físicos e morais era indiscutivelmente aceite sem revisão nem raciocínio, porque Deus tinha propositadamente feito tal sinal ou estabelecido tal condicionalismo para,

na pessoa do seu representante, evidenciar os seus poderes ocultos.

A êle corriam pois das povoações em redor, ás vezes de muitas léguas, inumeros doentes com padecimentos de todas as ordens, mas sobretudo de fôro médico.

Concomitantemente e com certa especialisação no tratamento de feridas de etiología vária, havia de onde em onde outra categoria de curandeiros «saludadores» (1) consistindo o desempenho das suas funções em lamber as feridas com a pretensão de as curar. Os seus benefícios eram pois dependentes das propriedades da saliva, sendo crível que este costume fôsse sugerido pela observação quotidiana de vêr os cães lamber as suas.

A sua intervenção era tida em grande conta e mérito, dispensando-se-lhes respeito e atenções. O proprio Conego Cirmelo, um dos padres mais considerados pela sua cultura e atribuições eclesiasticas superiores, dizia *que estes poderiam impunemente entrar dentro dum forno ardente.*

Benedores e saludadores, com atribuições de carácter divino, podiam intervir em compromissos de saúde e vida dos povos, creando-lhes os seus poderes uma atmosfera de devoto respeito e admiração.

A propria legislação da época, não os excluindo, antes os admitia, como pode concluir-se da existência de cartas régias, autorisando o desempenho das suas funções baseadas na virtude divina que lhes era reconhecida, no exito em dezenas de curas, na petição dos

(1) Não nos consta que em Bragança existam actualmente.

propios habitantes das localidades respectivas, e ainda na óptima informação dos elementos eclesiásticos.

Os nossos reis D. Manuel, D. João III e D. Sebastião concederam muitos desses documentos, alguns dos quais, a título de curiosidade, a seguir transcrevemos:

«Dom João, etc. A quantos esta minha carta vi-rem faço saber que João Fernandes, morador nas Orlhas, termo de Thomar, me enviou dizer que era homem de idade de sessenta anos e que de quarenta a esta parte sempre curou e benzeu todas as pessoas e alimarias de dôr de cães damnados que o vinham para isso buscar de vinte e trinta léguas, onde ia de boa vontade, sam levar mais prémio que o que lhes as ditas pessoas queriam dar por suas vontades, e por el-rei meu senhor e padre, que santa glória aja, ter dele informação que curava e benzia da dita dôr, lhe déra licença para o poder fazer, e de então até agora sempre usava disso, pedindo-me que por quanto lhe agora punham dúvida a curar e benzer da dita dôr pelo defender a ordenação, houvesse por bem lhe dar licença para isso, e antes de lhe dar despacho mandei o licenciado Antonio da Costa, juiz de Thomar, que se informasse do dito caso, o qual me fez saber por sua carta como curava e benzia da dita dôr e o modo que nisso tinha e por achar pela dita informação que o fazia com o sinal da cruz, hei por bem de lhe dar licença que possa curar e benzer da dita dôr de cães danados, sem embargo da dita ordenação. Notifico-o assim a todas minhas justiças, oficiais e pessoas outras, a quem isto pertencer e lhes mando que não vão contra isto e o deixem livremente curar e benzer da dita dôr sem outra dúvida nem embargo algum que a ela seja posto, porque hei por bem e lhe dou para isso licença. Gaspar Mendes a fez em Setembro a 24 dias de abril de 1532».

«Dom Joam, etc. ffaço saber a todas minhas Justi-

ças a que ho conhecimento desto pertencer que os officiaes e povo da villa da Batalha menviarã dizer per sua pitiçã que Junto da dita villa no lugar das Bracas esta hũa molher beata da ordem de sam domjgos per nome Jsabell Gonçaluez que per esperyemcia se tem visto ter vertude pera o mall da Rayua e que as pessoas que bemze se acham bem de maneira que de muitos annos a esta parte o faz e todos os que bemze Recebem saude e que tynha pera yso Licença do vigairo de Leyrya e do pryor do mosteiro da dita villa segundo vy per hũ estormento publico que me foy apresentado. Pedindo me ouvese por bem que podese bemzer como ora faz sem por yso emcorrer em pena algũa. E visto seu Requerimento ey por bem tendo ella Licença pera yso do prellado e pera fyrmeza diso lhe mandey pasar esta carta per mim asynada e asellada Joam Roiz a fez ẽ Lixboa a xxb dias de Junho de myll b^cxxx biiij. Bastiã da Costa o sobescreuy. (Chancellaria de D. João III, L.v. 44 de Doações, fl. 44).

« Dom Johão, etc. saude. faço uos saber que Marta Pirez, moradora (*sic*) na cidade de Bragamça, me enuyan dizer por sua pitiçã, que ella fora presa ẽ o anno de mill e quinhentos e coremta e cimquo ẽ hum dos dias do mes de Junho, por se dizer que ella era cullpada ẽ huua deuasa que o duque mandara tiraar, a culparão dizemdo que era feitiçeira e allcouujteira, e que curaua não temdo carta de cura nẽ licemça pera jso do curjgião moor; e por ella soplicante se ver desemparada, que não tinha quem por ella fizese se sayra da cadea. . . Dada cidade de Lixboa ẽ omze dias do mes de setembro e feyta na mesma cidade aos dous dias do mes de outubro. . . de mil quinhentos coremta noue anos. (Liv. 4 de perdões e legit. de D. João III, fl. 237) ».

« Dom Sebastyam, etc. faço saber que Bryatiz Gonçaluez, vyuua, morador em Verryde, termo de Momte Mor o Velho, me ẽuyou dizer, per sua petyção, que

ella fora presa pela mynha allçada, por se dizer que hera feytyçeira e curaua sem carta, como constaua da sentença que hapresentaua, pelas quaes cullpas fora por sentença condenada em dous anos de degredo pera Crasto Marym, cõ baraço e preguão pela villa... Dada em Lixboa a xxbijº dias de Junho he feyta aos bij de Julho... de j b^{clxxiii}º. (Liv. 16 de Leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 239 »).

« Dom Sebastiam, etc. A todos os Corregedores, ouidores, Juizes, Justiças de meus Reinos e senhorios a que esta minha carta de licença for apresentada e o conhecimento della pertencer, saude. Faço uos saber que a mjm emvyou dizer Antõnia da Mota, molher de Domjngos Corea, morador nesta cidade de Lixboa, ao Moynho do Vento, que ella curaua té o presente de doudiçe, no que fezera muyto proveyto, e por que ella nã podia curar sã minha licença, me pedia lha dese pera curar da dita jndespossição e Receberya merce... E ao que constou do exame que lhe fez o doutor Sebastjão Roiz dAzeuedo, meu fisico moor, lhe dou licença pera que ella possa curar da dita Infirmidade de doudiçe somente, e de outra algũa Imfermydade nã,... vos mando que por asy curar da dita Infirmidade de doudiçe a nã premdaes nem auexeis por ello. Dada na cidade de Lixboa ao derradeiro dia do mes de agosto... de mil e b^{clxxb}. (Chancellaria de D. Seb. e D. Henrique, liv. 34 de Doações, fl. 173 v.) »

* * *

As armas que os benzedores utilisavam (e utilisam ainda hoje) para o combate dos incómodos sentidos pelas pessoas que lhes eram confiadas, consistiam em orações e gestos, geralmente em forma de cruz, fumações e reliquias. Tão místicos e miraculosos proces-

soz não podiam ser ensinados a alguém sem prejuizo de mérito, visto a divindade os ter concedido exclusivamente aos seres privilegiados que os professavam, e por conseguinte quem quer que deles uso fizesse não conseguiria obter resultados satisfatorios.

O estado tinha um funcionario superior, que superintendia em questões desta ordem, estando debaixo da sua alçada todos os benzedores, a quem examinava por vezes, quando alguma dúvida existia da efficácia das suas intervenções. Era o *Fizico-Mór*.

Aprovados aqueles depois de submetidos a exame, ia distribuindo um ou outro por certas localidades desprovidas, consoante as petições feitas pelos seus habitantes.

Como em mandos e atribuições houve sempre abusos, não escassearam tambem nesta arte de curar, sendo até muito frequêntes e excessivos; porisso as ordenações manuelinas proibiram esses abusos, limitando a profissão exclusivamente ás pessoas a quem cartas ou diplomas fossem concedidos para tal fim.

*

* *

As superstições, a que vimos de referir-nos, tão intimamente confundidas com as outras manifestações dos espiritos cultos em épocas passadas, têm-se ido apagando a pouco e pouco, ofuscadas pelo brilho intensificado da instrução, a ponto de prevalecerem quasi exclusivamente na massa popular, que as utiliza com a mesma crença dos seus antecessores.

É uma herança de séculos que o tempo não tem

aniquilado e que tendencias conservadoras dos povos têm respeitado.

Ha duas causas que justificam este conservantismo e estabilidade de preconceitos, bem como a criação das superstições: são o desconhecimento da origem e mecanismo dos fenómenos de qualquer natureza, físicos, químicos, fisiológicos e astronómicos, e a indolencia na investigação de suas causas e significação, para esclarecer o que é obscuro e aparentemente indecifrável.

Tudo aquilo que para a ignorância popular é inexplicável, depende implicitamente da intervenção divina ou diabólica, e é considerado superior á alçada dos conhecimentos humanos. Admitida semelhante hipótese, não se pensa em refletir, esperando resolver problemas, por vezes de fácil resolução, porque préviamente está assente e aceite que tais fenómenos estão fora das leis naturais e dependem tão sómente de intervenções sobrenaturais. Consequência: a explicação é adiada e a superstição persiste.

Entra inicialmente na educação infantil, cria raizes e ramos, floresce e frutifica. É conservadora, sobrevivente e produtiva ao mesmo tempo.

Poderá haver modificações superficiais no aspecto dos factos, mas na sua intimidade continuam a ser fundamentalmente a mesma coisa. A transmissão vae-se fazendo e as primeiras ideias, gravadas no cérebro sensível de novo ser, têm o cunho supersticioso dos seus progenitores.

Admitida a condição duma educação escolar, ministrada fóra da influência paternal, conduzida por educadores orientados em sentido oposto ás ideias supersticiosas predominantes, póde esta educação influir pro-

fundamente no destino moral da criança, predispondo-a e preparando-a para um raciocínio consciente e razoável, mas nela, se as influências familiares se anteciparam a esta suposta orientação, não deixaram de existir dois aspectos diferentes do mesmo ser.

E quando qualquer circunstância de enfraquecimento geral ou desequilíbrio mental perturbe a harmonia das suas ideias, os factos não serão convenientemente sancionados pela razão, o carácter modifica-se e os primitivos ensinamentos, gravados no seu cérebro, reaparecem. A emancipação absoluta não se realizou.

*

* *

As crenças antigas chegaram até nós; algumas, por alteradas na forma, não são independentes delas.

O antigo costume de século XV, consistindo em depositar na campa dos mortos alimentos, que os cães comiam, não se usa hoje entre nós, mas prevalece ainda o hábito um pouco semelhante de colocar alqueires de cereais sobre uma toalha estendida no pavimento da igreja ou sobre a campa do defunto na presença dos quais o padre recita latim, utilizando-os depois em proveito proprio.

Estava admitido incontestavelmente no século XV que a alma do finado não teria descanso enquanto os comestíveis na sua campa depositados não fossem em quantidade suficiente, ou o cumprimento de promessas a santos, feitas por ele durante a vida, ou mesmo por outras pessoas em seu benefício, não fosse completamente satisfeito.

Da não satisfação destes preceitos resultava para as pessoas da família do morto o serem perturbadas na sua tranqüilidade por fenómenos transcendentés, como o aparecimento de fantasmas, desordens barulhentas tendo por alvo os moveis da casa, vozes terroristas, sendo toda esta comédia fantástica desempenhada pela alma errante do finado, reclamando até ser atendida. Não sabemos quem primeiramente se deu a interpretar factos accidentais desta natureza, como se dependessem de agentes sobrenaturais, quando a existirem deviam ser consequência de forças naturais, mal observadas; mas parece-nos que tais explicações não serão extranhas a quem dispunha do mando moral dos povos, isto é, dos seus educadores espirituais, — os padres — os únicos que beneficiavam com as dádivas reclamadas.

Hoje, como então, as pessoas do concelho de Bragança conservam as mesmas crenças bem pouco alteradas. Em todas as aldeias se citam freqüentemente nomes de pessoas mortas e comédias similares de que são testemunhas fidedignas as pessoas A ou B, a quem foi reclamado o cumprimento de promessas, cuja efectivação coincidiu com o desaparecimento do reclamante.

Outras vezes o espirito do finado encarna, e pela voz da pessoa de que se apossou faz as suas reclamações (1).

(1) Estas scenas repetem-se, mas em muitos casos a boa fé das pessoas é ludibriada. Um nosso ex-condiscipulo, bacharel em direito ameaçou fustigar uma mulher que pretendia fazer acreditar que a alma do pai daquele se apossava dela. A ameaça foi o suficiente para que o facto se não repetisse.

*

* *

Já no século XVI existia em vários centros de Portugal a crença de que as nevroses — epilepsia, histeria, coreia — resultavam da invasão do indivíduo por um espírito máu, diabólico.

O doente, dominado por um agente estranho e forte de que não podia voluntariamente libertar-se, agita-se, convulsiona-se, delira, prefere palavras desconexas, multiplica os movimentos com uma força em desharmonia com as suas forças habituais. Desta sorte incute na *entourage* a noção de que um espírito maligno é causa de todos estes actos, e sem perda de tempo recorre-se aos exorcismos, ao padre, porque só ele tem jurisdição para o expulsar.

Hoje a credence é a mesma.

Qualquer pessoa portadora duma daquelas doenças recorre aos exorcismos para expulsar os espíritos, mas ha presentemente pessoas (1), mulheres sobretudo, com privilégio para conseguir o efeito que antigamente só pelos padres era conseguido.

Um ataque de histeria convulsiva, de epilepsia, de coreia, são para o povo manifestações espíritas. O poder do padre era induscutível em casos tais, como ainda é. A confirma-lo, cita-se o facto da intervenção dum prelado, Bispo de Bragança no começo do século XIX, que

(1) O sr. dr. Sousa Viterbo. (Noticia sobre alguns médicos portuguezes) cita três nomes destes abalisados curandeiros — Antonio de Morim, Isabel de Macedo e Mario de Gouveia.

morreu em 1819, D. Antonio da Veiga, que fazia parar diante do Paço pessoas e animais, simplesmente com a influência do seu olhar atuando das janelas do proprio Paço. Este facto a dar-se poderia conceber-se como o resultado duma acção magnética, exercendo-se sôbre os transeúntes. O magnetismo, cujos primeiros ensaios scientificos datam do século XVIII, era considerado ainda como charlatanismo aos olhos de muitos scientists, não deixando de ser para o povo a manifestação da intervenção diabólica ou divina.

Parece assente a verdade de tal acção do prelado, tendo dado origem a alguns escritos sôbre o assunto ao snr. Ferreira Deus Dado, ilustrado professor, publicados na Revista de «Educação e Ensino», com a epigrafe *O Recolhimento da Mófrita, fundado por Antonio da Veiga.*

*

*

*

De maneira que as doenças, assim como a morte, segundo os animistas, eram devidas á influência vingativa de espíritos ou doutras pessoas e também dos astros. Daqui resultava que a cura deveria ser a consequência do conhecimento da causa, que tinha provocado o estado mórbido. Era o tratamento etiológico. A missão do professional consistia, primeiro que tudo em descobrir, adivinhar quem era o criminoso — espírito, pessoa, ou astro. O resto, era fácil. Orações ou exorcismos completavam a cura.

Estas práticas são ainda hoje das mais freqüentes. Uma pessoa adoecer; arrasta lentamente a sua doença.

Sugere imediatamente ao espírito uma intervenção animada, estranha. Procura-se a pessoa privilegiada, considerada como feiticeira para descobrir a causa do mal. Por vezes nem precisa vêr o doente, basta uma camisa, uma camisola, ou ceroulas. Examinando-as, profere algumas palavras semi-misteriosas, dá algumas indicações vagas que levam os consultantes a pensar na influência duma bruxa da localidade. Então faz-se um pouco de história, ligam-se factos dispersos, concluindo-se finalmente que a considerada bruxa sôbre quem se lançaram suspeitas teve recentemente um encontro com o doente, o que é natural numa aldeia, onde todas as pessoas se vêem geralmente diariamente. Conclusão: não pôde ser outra a causa. Procede-se então de harmonia com os ensinamentos da feiticeira, recorrendo-se a processos ridículos, tendo por fim contrariar a influência estranha, responsável pela saúde do doente.

Outras vezes, e sobretudo em crianças, é tornada responsável a lua. Eis aqui a acção dos astros a exercer influência sobre o equilíbrio vital. Ha orações adequadas para lhe recitar em determinadas épocas das suas fases, contra as dôres de dentes e doenças oculares. Recordo-me de as termos usado quando criança em benefício proprio.

Presentemente não nos é estranho e tem explicação científica a influência que outras pessoas e mesmo os astros exercem sobre a saúde, mas a interpretação é outra, e não nos deteremos em explicações que são do domínio e conhecimento de todos os médicos.

Limitamo-nos apenas a mencionar as emoções ou desgostos que a presença de determinadas pessoas pode provocar, acarretando perturbações de variadas ordens,

não esquecendo a influência que pode ser atribuída á acção do magnetismo animal.

Da mesma forma são bem conhecidas as acções dependentes das modificações climatericas, dependentes por vezes das fases lunares, cuja influência é bem manifesta nos reumáticos e gotosos.

*

As designações «Bruxa e Feiticeira», a que vimos fazendo referencia, carecem duma explicação. Aquelas duas expressões são actualmente confundidas por algumas pessoas, mas a distinção existiu desde sempre, embora actualmente a confusão seja a regra.

Bruxa — é a pessoa que recebendo instruções directamente do diabo, é a sua delegada, e de quem amiudadamente recebe ordens. É pouco mais ou menos a feiticeira dos antigos teólogos.

Tem o poder de se transformar em animais, mesmo os mais inferiores e penetrar nas habitações pelo mais minucioso orifício. Fala com o diabo á meia noite. A feiticeira, nada tendo de extraordinário, limita-se ao emprego de certas composições misteriosas. A feiticeira conhece certas práticas supersticiosas, ocultas, com que debela as doenças e adivinha, intervêm em questões amorosas, protege negocios e consegue reaver coisas perdidas. É esta a noção actual.

É possível que a bruxa, assim como acontece com as fadas, tenha origem lendária, visto não haver documentos, nem legislação que justifiquem a sua existência entre os antigos. As fadas, talvez chegassem até nós através das lendas orientais após as invasões.

Para as feiticeiras houve legislação própria. A mais antiga data de 1385; D. Sebastião em 1570 mandou legislar também sôbre este assunto.

*

* *

A seguir exporêmos algumas mêninas empregadas correntemente para combater os males ocasionados pela feitiçaria ou bruxedo, bem como algumas benzeduras adequadas a padecimentos de outra origem.

Malefícios

Faz-se uma associação de:

Terra de três encruzilhadas.

Nove pedras de sal das cosinhas.

- » folhas de oliveira.
- » » de estêva (*cistus ladaniferus*. Lin.)
- » » de congossa (*vinca major*. Lin.)
- » » de loureiro (*taurus nobilis*. Lin.)
- » » de alecrim (*rosmarinus officinalis*. Lin.)
- » gotas de azeite de oliveira.

Fuligem de três casas.

Queima-se a mistura num brazeiro e faz-se passar o doente nove vezes por cima de maneira a receber os fumos, tendo o cuidado de atravessar sempre em cruz. Feito isto, levam-se as cinzas respectivas a uma encruzilhada, recatadamente, não devendo o portador voltar pelo mesmo caminho nem olhar para trás.

Emquanto se defuma o doente, diz-se: «Nossa Se-

nhora fez estes fumos ao seu filho para lh'os dar a cheirar; eu faço estes a esta pessoa (cita-se o nome) para a melhorar».

Devem-se abrir as portas da casa e não se deve responder a ninguém.

*

Depois da meia noite deitar no mesmo cântaro um copo de água de cada nascente (nove nascentes), incluindo o da fonte de abastecimento da povoação. Esta colheita deve ser feita na madrugada do 3.º domingo do mês.

A pessoa encarregada deste serviço deve ouvir missa nesse domingo e ao levantar a hóstia tirar da pia da igreja um copo de água benta que em casa juntará á mistura. Posto isto, adiciona-lhe ainda:

- Nove pedras de sal de baptizados
- > fragmentos de corno de veado
 - > folhas de loureiro.

Ferve-se, cõa-se e bebe-se aos copos. Em se acabando a água está a cura realisada.

*

Ir á meia noite á porta da pessoa de que se suspeita ter causado a doença; com uma faca cortar um pedaço de madeira do limiar; fazer uma cruz, trazer esta ao peito durante nove dias *que a cura é certa.*

*

Colher ervas em nove termos (1) e água benta em nove pias baptismais.

Com a mistura defuma-se o doente em cruz, levando depois o resíduo a um ribeiro, sem que alguém veja.

*

Ir à meia noite ao adro e às esquinas da igreja apanhar terra, ervas, isto é, o que casualmente vier à mão. No interior da igreja e ainda às esquinas, procede-se da mesma forma.

Voltar para casa, trazendo no avental as substâncias colhidas, varrer a casa e juntar-lhe o lixo. Durante nove dias fazer fumaças ao doente com parte da mistura, tendo o cuidado de, terminada a operação, levar o resíduo a um lugar do termo onde o doente não vá durante os primeiros nove dias.

*

Para averiguar qual é a pessoa que causou a doença, isto é, a bruxa, deve o doente trazer vestida uma camisa durante nove dias, findos os quais se mete numa panela com água, pondo esta à lareira. A primeira pessoa que entrar naquela casa depois disto, é a feiteira.

*

Um dos processos suposto infalível, sobre o ponto de vista de diagnóstico e prognóstico, consiste em trazer

(1) A qualidade das ervas não tem importância.

de casa da suposta bruxa um objecto qualquer; defumar com ele o doente e levar as cinzas a uma queda d'água do regato mais próximo.

Se realmente a suposta pessoa fôr responsável pela doença, sente-se uma detonação no momento do contacto das cinzas com a água e a cura realiza-se com certeza, o que não terá lugar se as suspeitas eram erradas.

*

Ha em Macedo de Cavaleiros uma mulher de virtude a quem o povo chama «a sábia» (1) cuja intervenção é reclamada por muitas pessoas. Os processos que usa são muito variados; nós conseguimos obter conhecimento do seguinte, por ela aconselhado a uma mulher das nossas relações, que para lá caminhou longos dias em virtude de grave doença do marido (uma febre tifoide com racaída e convalescença muito demorada).

Eis a mèzinha:

Trazer à meia noite terra da sacristia, terra do soa-lho da igreja correspondente à pia da água benta e á pia baptismal. Vir para casa sem olhar para a retaguarda e benze-la da seguinte maneira:

Eu te benzo do olhar e do olhadão,
do feitiço e do feitição;
da cigonha e do cigonhão.
Dois olhos te benzerão
e três te desbenzerão
José e Maria tiraí daqui esta feitiçaria.

(1) Em Bragança ha outra «sábia».

Em honra de Deus e da V. Maria um padre-nosso e uma Avé-Maria.

Depois da terra benzida defuma-se o doente, leva-se a terra a uma encruzilhada, não se olha para a retaguarda e a cura não se faz esperar.

*

Finalmente o melhor específico consiste em ir nove noites seguidas, à meia noite, bater três pancadas nas portas da igreja, taberna e açougue; á nona noite aparece um espírito que concede tudo o que se desejar.

*

Beneduras

PROLAPSOS UTERINOS

Madre tua tem-te em ti
Assim como o Senhor se teve em si;
Madre tua tem-te em veias tuas
Como o Senhor se teve nas suas;
As ondas do mar saem do mar
Tornam para o mar
Madre tua torna para o teu lugar.

Recita-se três vezes por sessão e fazem-se nove sessões, uma por dia.

Em cada sessão rezam-se três padre-nossos.

*

Coxo (1)

Eu te benzo coxo
 Que te apartes desta carne
 Seja sapo ou rata
 Ou qualquer bicho que fôr.

Em honra de Deus e da Virgem Maria um padre-nosso e uma Avé-Maria.

*

Santíssimo nome de Jusus, Santíssimo Sacramento e Santíssima Trindade, curai este coxo que não coma esta carne, seja sapo ou rata, cobra ou cobraão, aranha ou aranhão, salamandra, ladra ou outro qualquer bicho. Cortemos-lhe a cabeça e o rabo para que este coxo fique curado.

Faz-se a novena.

*

Lombrigas

Aqueles três homens cavaleiros
 A quem Deus deu o poder,
 Eles o deram a João
 E João m'o deu a mim
 Que cortasse estas lombrigas
 Em agua se fizessem
 E este corpo deixassem.

Recita-se nove vezes em grupos de três, fazendo cruces com uma faca aberta em frente do ventre da criança e rezam-se nove padre-nossos.

(1) Dermatose serpiginosa.

Belidas (1)

Senhora Santa Luzia
Pelo monte ia
Três novelinhos de ouro na mão trazia
Com um urdia
Com outro tecia
Com outro, belidas, unheiros, carnagões e inflamações desfazia.

Em honra de Santa Luzia um padre-nosso e uma
Avé-Maria. Recitar nove vezes.

*

Curto (2)

Homem bom pediu pousada,
Mulher má lhe fez a cama
Entre vides e entre lama ;
Pelo poder da V. Maria, Senhor sarae esta mama.

Neste caso as cruzes devem ser feitas com uma
tezoura aberta.

Também faz efeito colocar as crianças ao seio em
sentido oposto, isto é, para a mama direita colocar a
criança do lado esquerdo e vice-versa.

*

Curto rebelde vai-te daqui
Ferro e aço irá atrás de ti;
Com ferro e aço te heide matar.
Com ferro e aço te heide cortar.

(1) Nefeliones.

(2) Mastite puerperal ou consequência do aleitamento.